



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
CURSO DE MUSEOLOGIA

JOÃO VITOR CORREA DINIZ

**DOCUMENTOS HERDADOS: UM ESTUDO A PARTIR DO ACERVO EDSON  
DINIZ SOBRE O GRUPO THENETEHARA-GUAJAJARA**

Belém - PA  
2018

João Vitor Correa Diniz

**DOCUMENTOS HERDADOS: UM ESTUDO A PARTIR DO ACERVO EDSON  
DINIZ SOBRE O GRUPO THENETEHARA-GUAJAJARA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado para obtenção de grau  
de Bacharel em Museologia,  
Faculdade de Artes Visuais,  
Universidade Federal do Pará.  
Área de concentração: Museológica  
Aluno: João Vitor Correa Diniz  
Orientador: Marcela Guedes Cabral

Belém - PA  
2018

João Vitor Correa Diniz

DOCUMENTOS HERDADOS: UMA REFLEXÃO A PARTIR  
DO ACERVO DE EDSON DINIZ SOBRE O GRUPO  
THENETEHARA-GUAJAJARA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado para obtenção de grau de  
Bacharel em Museologia, Faculdade de  
Artes Visuais, Universidade Federal do  
Pará.

Área de concentração: Museológica  
Aluno: João Vitor Correa Diniz  
Orientadora: Marcela Guedes Cabral

Data e aprovação:

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco  
Universidade Federal do Pará – UFPA

---

Prof. Dr. John Fletcher Couston Júnior  
Universidade Federal do Pará – UFPA

---

Prof. Me. Marcela Guedes Cabral  
Universidade Federal do Pará – UFPA

## AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, em especial, pais e irmã, João, Aldely e Nathália.

Ao meu avô Edson Diniz que pode me proporcionar grande incentivo à minha carreira acadêmica, e me proporcionou o suporte inicial que precisava para conhecer me encantar com as formações que escolhi seguir.

Às minhas professoras e professores, sempre pacientes e solícitos em suas práticas. Agradeço especialmente aos meus professores-orientadores e minha supervisora de estágio, com quem tive a oportunidade de aprender na prática, muitas lições e condutas para o futuro exercício da profissão.

Dedico estas linhas a um agradecimento especial à minha orientadora neste trabalho de conclusão de curso, quem me apoiou e teve o máximo de empatia, do início ao fim.

E a todos meus amigos, e colegas de curso que contribuíram direta e indiretamente em minha formação acadêmica.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>EDSON DINIZ, ETNÓLOGO.....</b>	<b>15</b>
2.1	O FILHO, O MARIDO, O PAI, O AVÔ.....	21
<b>3</b>	<b>A MUSEALIDADE DO ACERVO.....</b>	<b>24</b>
3.1	A COLEÇÃO E SUAS MEMÓRIAS.....	27
<b>4</b>	<b>OS DOCUMENTOS SOBRE OS TENETEHARA-GUAJAJARA E SUA TRAMA DE INFORMAÇÕES.....</b>	<b>41</b>
4.1	A DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DO ACERVO PESSOAL EDSON DINIZ.....	50
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>
<b>6</b>	<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>59</b>

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulado Documentos Herdados: uma Reflexão a Partir do Acervo de Edson Diniz Sobre o Grupo Tenetehara-Guajajara, tem como objeto central o estudo do acervo pessoal de Edson Diniz, bem como os documentos e produções sobre os Tenetehara-Guajajara, elaborados por ele. Edson Soares Diniz (1934 – 2012) foi um etnólogo indigenista, com uma intensa trajetória profissional-acadêmica durante as décadas de 1960 à 1990, muitos de suas produções e memórias cruzam-se com momentos emblemáticos da antropologia brasileira. Sobre o grupo *Tenetehara*, tomou-se conhecimento de que este é tido como um termo geral para abranger os *Guajajara* do estado do Maranhão e aos *Tembé* do Pará, estes indivíduos compunham um dos grupos estudados por Edson ao longo de sua carreira. Dessa forma, propõe-se aqui uma leitura tanto sobre os Tenetehara-Guajajara, quanto sobre Edson Diniz a partir de seu acervo pessoal. Análises e apontamentos, através da ótica da documentação museológica serão feitos, levando em consideração o potencial de musealização do acervo. Deste modo, serão apresentados os esforços investidos neste intento, com vistas a difundir este acervo, tornando-o disponível à sociedade.

**Palavras-chave:** Memória. Acervo. Etnólogo. Tenetehara-Guajajara. Documentação de acervos.

## ABSTRACT

The currently work named – Documentos Herdados: uma Reflexão A Partir do Acervo de Edson Diniz Sobre o Grupo Tenetehara-Guajajara, has as its central object of study the personal collection Edson Diniz, as well as the documents and works about the Tenetehara-Guajajara Indians, developed by him. Edson Soares Diniz (1934-2012), was a indigenous ethnologist, with a intense academic-professional path during the 60's-90's decades, a lot of his productions and memories cross each other with emblematic moments of the Brazilian anthropology. About the Tenetehara group, it is known that it is a general term to embrace the Guajajara from Maranhão's state and the Tembé from Pará, the indigenous was a group studied by Edson along his carrier. Thus, it is proposed here a lection about the Tenetehara-Guajajara, even about Edson Diniz starting from his personal collection. Analysis and appointments, by the optic of the museology documentation will be done, considering its potential of being an object of museology. Thus, will be presented the efforts in this objective, of sharing this collection content, turning it available for the society.

**Key-words:** Memory. Place. Collection. Ethnologist. Tenetehara-Guajajara. Documentation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Edson, formatura em Ciências Sociais.....	16
Figura 2- Edson e Roberto Damatta.....	18
Figura 3- Correspondência de Eduardo Galão .....	21
Figura 4 - Diário de campo datilografado.....	28
Figura 5 - Heredogramas familiares.....	29
Figura 6 - Carta de Claude Lévi-Strauss.....	30
Figura 7 - Ilustração de desenho corporal.....	31
Figura 8 - Primeiro acondicionamento do acervo.....	32
Figura 9- Livros guardados em caixa.....	33
Figura 10 - Pastas organizadoras.....	33
Figura 11- Pastas dispostas na prateleira.....	35
Figura 12 - Diploma de Bacharelado UFPA.....	37
Figura 13 - Certificado de participação no curso de Teoria e Pesquisa em Antropologia Social.....	38
Figura 14 - Objetos tridimensionais da coleção.....	39
Figura 15 - Capa do livro Os Tenetehara-Guajajara.....	42
Figura 16 – Recorte do jornal O Estado de São Paulo, 1984.....	47
Figura 17 – Modelo de organização em pastas.....	52
Figura 18 - Proposta de Inventariação da Coleção Edson Diniz.....	54

## 1. INTRODUÇÃO

O acervo de Edson Diniz deriva do empenho pessoal e sistemático deste antropólogo indigenista durante o XX, ao longo de seus 50 anos de pesquisas nacionais. Com o passar dos anos, por acreditar no potencial documental como relevante recipiente de informações sobre sua trajetória, e sobre as pessoas com quem teve contato (colegas de trabalho, grupos e indivíduos estudados por ele, sujeitos conhecidos no cenário antropológico nacional e internacional, familiares etc). Devido análises prévias, soube-se que em sua trajetória profissional teve contato com demais pesquisadores, assim como registros documentais de pesquisas com grupos étnicos, e acontecimentos que vêm somar para uma memória bibliográfica-documental mais ampla.

Os documentos sobre o grupo Tenetehara-Guajajara, registrados entre as décadas de 1970 e 1990, que compõem o acervo do etnólogo e pesquisador Edson Diniz foram selecionados tanto por sua relevância de variedade de materiais, quanto por uma seletividade afetiva, remetendo à uma recordação afetiva sobre sua única publicação bibliográfica – da época – no estado do Pará, tendo seu livro sido editado e lançado pela Universidade Federal do Pará. Sabe-se que este acervo está dividido entre produções acadêmicas como cadernos de campo, artigos e livros, até cartas e figuras. Seus registros além de serem produções finalizadas, permitem-nos acessar informações implícitas, e inter-relações entre os objetos-documentos encontrados.

Ao levar em consideração que ações de organização, valoração, compartilhamento e preservação – de objetos e suas informações – fazem parte do arcabouço de contribuições para o trabalho museológico. Compreende-se que o mesmo possui uma carga de usos e sentidos latentes, dos quais não são percebidos diretamente em sua composição física. Assim, destaca-se a importância de que no presente trabalho, as práticas de documentação<sup>1</sup> tiveram de ser adaptadas às condições que o acervo se apresentava, sendo seguidas por contínuas pesquisas e reflexões teóricas do que se revelava a cada acesso (CÂNDIDO, 2006).

---

1

Para diferenciar da disciplina de Documentação, o presente termo será usado com 'd' minúsculo, para representar um conjunto de atividades de caráter documentário realizado durante o desenvolvimento deste trabalho para tratar o acervo estudado, bem como as atividades básicas aplicadas em museus.

Sobre o estudioso Edson Soares Diniz<sup>2</sup> (1934 – 2012), sabe-se que nasceu no município de Santarém, um dos 14 filhos do Sr. José Augusto Diniz e da Sra. Esmerinda Soares Diniz, assim que concluiu seus estudos no interior do estado do Pará, veio para cidade de Belém, iniciar sua trajetória acadêmica. Sua contribuição para os estudos interétnicos nacionais é significativa. Apesar de atualmente, acreditar-se que suas produções são pouco conhecidas, fazem-se importantes retomadas conjuntas, não somente de suas obras, mas também, de parte da memória deste intelectual curiboca<sup>3</sup>, cujo legado permite-nos diversas possibilidades de atualização e descobertas através do que registrava (cartas, diários de campo dentre outros manuscritos; livros e publicações). Era no exercício da etnologia que ele encontrava um campo fértil para seus trabalhos, em meio aos nativos e passando dias de pesquisa em campo. Portanto, ao ter contato com diversos contextos, e vivenciadas quando registrava suas etnografias, estava ampliando sua leitura da realidade a partir daqueles microcosmos observados.

Já sobre o grupo *Tenetebara*, tomou-se conhecimento de que este é tido como um termo geral para abranger os *Guajajara* do estado do Maranhão e aos *Tembé*<sup>4</sup> do Pará. Falantes da língua *Tupi-Guarani* podem ser considerados bilíngues, devido saberem comunicar-se também em português (DINIZ, 1994), e, até hoje passam por situações de conflito por questões agrárias. Como era de praxe em seus trabalhos com as populações tradicionais, em seus estudos sobre os Tenetebara, o pesquisador volta sua análise para os tipos de relações entre a comunidade nativa e a sociedade nacional (na forma dos moradores da região). Bem como as integrações socioculturais ocorridas neste processo.

---

2 Acrescenta-se que este etnólogo indigenista, dentre suas várias identificações aqui dispostas, também é meu avô. O elemento pessoal e afetivo foi um dos motivos que impulsionou esta pesquisa, em vista de perpetuar um legado intelectual de suas produções, que se projete além dos sobrenomes e ascendências sanguíneas.

3 Termo utilizado por José Veríssimo (1887), em seu ensaio, "As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia. Sua Linguagem, suas Crenças e seus Costumes", para qualificar o mestiço amazônida filho de sujeitos da raça branca com os indígenas, sinônimo de mameluco (VERÍSSIMO, 1887).

4 Os Tembê constituem o ramo ocidental dos Tenetebara, enquanto o grupo oriental, que terá documentos à seu respeito trabalhados neste texto, são conhecidos por Guajajara. Suas autodenominações são designadas como *Tenetebara*, que significa gente, índios em geral ou, mais especificamente, Tembê e Guajajara. Tembê, ou sua variante Timbé, constitui um nome que provavelmente lhes foi atribuído pelos regionais. De acordo com o linguísta Max Boudin, *timbeb* significaria "nariz chato". Destaca-se como um nome emblemático em pesquisas realizadas com o grupo Tembê do Pará, a pesquisadora Jane Felipe Beltrão, que a partir da perspectiva sociocultural, vem estudando a trajetória deste grupo na contemporaneidade. Até o momento, os Tembê têm sido obrigados a conviver com centenas de famílias de posseiros em suas terras e sofrem os efeitos da atuação irregular de madeireiros, fazendeiros e empresários.

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo a análise dos objetos que compõem o acervo, no contexto extra-institucional dos museus, descrevendo trajetórias e ligações entre os documentos sobre o povo Tenetehara-Guajajara e sobre meu avô (dentro e fora do acervo). A partir daí, os objetivos específicos ficaram distribuídos em: mapear os tipos de documentos presentes no acervo; fazer o levantamento dos termos e conceitos trabalhados (documento, arquivos pessoais, acervo, objetos) por autores de diversos ramos da ciência da informação, que dialogassem com o objeto estudado; com atividades mais práticas, buscou-se higienizar, reorganizar os suportes dos documentos<sup>5</sup>; por fim, verificar formas de reutilização da organização elaborada por ele, em vista de sugerir aprimoramentos que visem informações voltadas a documentação museológica do conjunto documental.

Tomando como ponto de partida os documentos deste estudioso sobre o grupo *Tenetehara-Guajajara*, adquiridos por forma de legado<sup>6</sup>, lançaram-se questões como: de que forma o estudo museológico pode potencializar esse acervo documental? O que esses documentos possibilitam revelar além de seus elementos intrínsecos? Como um objeto-documento articula-se com uma memória/patrimônio pessoal, fora de espaços musealizados? Essas inquietações – dentre outras – foram sendo delineadas antes mesmo do contato com este objeto de estudo. Ao longo dos estágios e programas de incentivo à pesquisa, em especial à bolsa de pesquisa adquirida através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Produção Artística (PIBIPA), as leituras realizadas dentro e fora de aula guiaram à quebra de novos paradigmas pessoais, quanto bacharelando em Museologia. A partir desses pontos compreendeu-se que os termos documentação, objeto e documento são polissêmicos, sendo que seus usos não se restringem ao campo das instituições de museus. Entende-se também que discutir os contextos dos usos de palavras como documentação e objeto-documento<sup>7</sup>, no que tange o estudo de museus torna-se a

---

5

Pastas, fichários, e caixas.

6

“Doação resultante de uma disposição testamentária ou de manifestação de última vontade” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 112).

7

Como uma das vias do processo de musealização do objeto, deslocá-lo física e conceitualmente aplicando-lhe nos perspectivas de conteúdo já citados por Peter Van Mensch (1992), a pesquisadora Juliana Monteiro (2014) qualifica a expressão de ‘objeto-documento’ como um termo polissêmico, “[...] que encerra a ideia de algo complexo, com múltiplos níveis de interpretação, é possível argumentar que sua apropriação teórica e seu processamento técnico demandam um trabalho constante de atualização de significados e sentidos” (MONTEIRO, 2014, p.154).

possibilidade de apresentar novas formas de aplicação pra conceitos que vem sendo discutidos por vários séculos (MONTEIRO, 204).

A metodologia pretendida foi descritiva, exploratória e comparativa, valendo-se de características da pesquisa histórica. Acredita-se também o uso de uma metodologia interdisciplinar, mista veio somar para pesquisa como uma abordagem de diversas nuances sobre o objeto de estudo – abordagem esta que se torna cada vez mais interessante, pois seu uso permite a ampliação dos referenciais para campos de estudo próximos (SEVERINO, 2017). Assim procurou-se proceder com as análises, e de caso sobre o material a ser estudado, bem como seu contexto histórico de produção, verificando aproximações e distanciamentos com as referências do campo museológico, antropológico, documental e das ciências da informação.

Como procedimentos procurou-se realizar levantamentos bibliográficos que pudessem apresentar contextos ou situações semelhantes às que o objeto de estudo foi submetido. Outro levantamento feito com o acervo foi referente sua localização e acondicionamento, sendo mapeado quantitativa e qualitativamente (por meio de visitas e fotografias). Após o mapeamento do acervo, houve uma seleção dos documentos referentes ao recorte proposto, sendo em seguida higienizados, reagrupados de acordo com características basilares para futuras buscas; respeitando também as organizações previamente encontradas. Tendo finalizado estas etapas – concomitantes às leituras – foram feitas as ligações entre micro e macro (o recorte e o conjunto), bem com a aplicabilidade dos referenciais teóricos a partir da sistematização e análise dos dados obtidos. Por fim, sugere-se a elaboração de uma ficha que será testada com informações objetivas para o acesso à identificação destes documentos.

Inserido em um dos conceitos dos quais se pretende utilizar neste projeto, os arquivos pessoais constituem um conjunto documental relevantes em diferentes instâncias, particulares e públicas, possibilitando uma sistematização orgânica e sistemática de objetos oriundos dos vários segmentos da trajetória de seus donos. Sua importância tem sido destacada desde a metade do século XX, como “papéis privados”, até o presente. As instituições que trabalham com acervos vêm reunindo, organizando e disseminando esses conjuntos, evidenciando verdadeiros tesouros Seus conteúdos têm despertado a atenção de diferentes campos de pesquisa, e alocados em instituições como museus, bibliotecas e arquivos.

Partindo da literatura arquivística, entende-se documentos como suportes de informação, uma forma de representação sob forma literária, gráfica ou plástica (ARQUIVO NACIONAL, 2005). Os documentos podem ter origens diversas, seu acúmulo e seleção estão ligados às intenções exercidas pelos sujeitos que os elaboram ou relacionam-se com estes, ou aos critérios que motivam sua seleção dentre o que seria passível de guardar, preservar ou descartar. Esses documentos podem ser constituídos por cartas, jornais, mapas, registros, fotografias, diários, relatórios, livros, enfim, toda uma gama de elementos que são tratados como objetos bidimensionais escritos.

Considerando o objeto de estudo deste projeto é atravessado por mais de um campo de conhecimento como a Arquivologia, Museologia, Antropologia e História; traz-se, como eixo principal de análise do acervo e seus materiais, a perspectiva museológica. Dentre as vertentes da disciplina serão utilizadas as concepções apresentadas por Peter Van Mensch (1994), Zbyněk Z. Stránský (2005), Bruno Soares (2012) e Dominique Poulot (2013) sobre o estudo da Museologia como a aplicação de atividades que visem à seleção, preservação e uso-fruto da herança cultural e natural, possibilitando reflexões sobre o potencial informacional do objeto (ou documento primário) tratado agora como *musealia*; bem como sua representação entre o ser humano e sua realidade.

Por conseguinte, outros dois teóricos que dialogam com esta compreensão e possuem estudos no campo da Cultura Material, por diferentes olhares (histórico e antropológico) são Ulpiano Meneses (1997) e Daniel Miller (2013). Estes autores destacam agência das “coisas-objetos” sobre seus usuários, possuem uma trajetória, uma biografia que transcende a vida de seus donos, em movimentos dialógicos os objetos são qualificados e qualificam.

Ao tratar da memória, acredita-se que os autores Maurice Halbwachs (2012) auxiliando no movimento de convergência do individual para o coletivo; a perspectiva da memória como uma faculdade humana responsável pela manutenção do passado, pelas experiências de vida, destacado por Jacques Le Goff (2008); os destaques para elementos presentes nas realidades dos sujeitos, que auxiliam na composição das memórias sociais e pessoais, apontados por Michael Pollak (1992) e Pierre Nora (1993). Dessa forma, trabalham-se os fenômenos da memória sob os pontos de vista da Cultura Material, História, Sociologia e Museologia, por meios de percepções sobre a mútua influência, das memórias dos arquivos pessoais de

Edson, seus comportamentos como documentos em contextos mais amplos que a própria trajetória de vida do meu avô.

Sobre a documentação museológica e documento, usam-se os conceitos de Helena Ferrez (1991) e Maria Helena-Bianchini (1987). Em que Helena Ferrez designa a documentação museológica como um sistema de recuperação de informações que possibilita a releitura de fontes de informação, em fontes de pesquisa ou ferramentas de transmissão de conhecimento. E, em sua obra “Thesaurus para Acervos Museológicos” com Maria Helena Bianchini (1987) definem os documentos do acervo trabalhado nesta pesquisa como uma subclasse de comunicação, contemplando livros, periódicos, documentos iconográficos, cartográficos etc.

As ideias de Heloísa Liberalli Bellotto (2007) são utilizadas para trazer ao desenvolvimento do trabalho uma compreensão sobre arquivos pessoais. Maria Inêz Cândido (2006) com suas perspectivas sobre sistematização de documentação museológica. E por fim, o trabalho de Carlos Araújo (2014), que distingue o conceito de documento no campo Museológico – em relação às demais disciplinas que compõem as Ciências da Informação – como uma abstração, um questionamento mais denso, compreendendo que as problematizações ao redor do objeto/documento não são neutras ou mecânicas, mas que se ramificam histórico-socialmente.

Para delinear as discussões propostas aqui, segmentou-se o presente trabalho em três capítulos. Após a introdução, tem-se o capítulo 2 onde é apresentada – de forma sucinta – a trajetória profissional de Edson, como um estudioso da cultura dos povos nativos do Brasil, seguindo o percurso cronológico descrito em seu currículo, e como sua trajetória delinea-se com a de demais figuras conhecidas no cenário antropológico nacional. Com destaque para uma seção onde caracteriza-se o perfil pessoal deste etnólogo.

O capítulo 3 tratará de forma mais reflexiva os deslocamentos e cuidados tomados com o acervo, levando em consideração que após o falecimento de Edson Diniz (18/10/2012), seus pertences foram redistribuídos de acordo com conformes legais, e sua vontade manifestada verbalmente ainda em vida. Destacam-se também nesse capítulo as limitações de acesso e manuseio dos materiais encontrados, desde sua retirada do local de origem, seu apartamento em Belém, até

suas localizações atuais: o apartamento de seu filho mais velho, ainda em Belém; e a casa de sua filha do meio, no município de Capanema/PA).

O capítulo 4 é dedicado a tratar do recorte de análise proposto, os documentos sobre os Tenetehara-Guajajara. Mesmo o estreitamento do escopo da pesquisa voltando-se para esse capítulo, pretende-se deixar claros meus alcances práticos e teóricos. Ainda assim, foi possível realizar um delineamento do perfil destes documentos encontrados sobre o grupo indígena<sup>8</sup>, devido uma das publicações de meu avô, o livro “Os Tenetehara- Guajajara e a Sociedade Nacional: Flexibilidade Cultural e Persistência Étnica” (1994); bem como uma publicação virtual que se teve acesso, sobre as condições mais recentes registradas pelo pesquisador alemão Peter Schröder (2002) no site do Instituto Sócioambiental, sobre estas comunidades. Dessa forma realizou-se um estudo complementar entre as informações encontradas, e demais leituras.

---

8

Embora seja utilizado este termo ao longo do trabalho, como uma nomenclatura contextualmente comum do período em que meu avô estava ativo profissionalmente; destaca-se a compreensão de que esta, e demais expressões similares sejam defasadas, e impostas aos sujeitos assim denominados, por outrem.

## 2. EDSON DINIZ, ETNÓLOGO

Relevante e peculiar é a contribuição de Edson Diniz (Fig. 1) para os estudos antropológicos do país. Edson nasceu no distrito do Lago Grande do Curuai, município de Santarém, em 18 de maio de 1934. Município este, que coincidentemente é reconhecido pelas grandes riquezas arqueológicas, onde anteriormente floresceu tamanha riqueza cultural das sociedades nativas. Casado com Glébia Nascimento tornou-se pai de três filhos (Gledson, Mariane e João), e avô de dez netos (incluindo o presente autor), fora sempre um exemplo de profissional, e superação à se seguir.

Atualmente, sua contribuição intelectual tem sido pouco conhecida. Por isso, a importância dessa retomada conjunta, não somente de suas obras, mas também de parte da memória de um intelectual *curiboca*<sup>9</sup>, cujo legado permite-nos diversas possibilidades de atualização e descobertas através do que registrava (cartas, diários de campo dentre outros manuscritos; livros e publicações). Era no exercício da *Etnologia* que ele encontrava um campo fértil para seus trabalhos, em meio aos nativos e passando dias de pesquisa em campo. Dessa forma, ao ter contato com diversos contextos, e vivências quando registrava suas etnografias, estava ampliando sua leitura da realidade a partir daqueles microcosmos observados.

---

9

Termo utilizado por José Veríssimo (1887), em seu ensaio, "As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia. Sua Linguagem, suas Crenças e seus Costumes", para qualificar o mestiço amazônida filho de sujeitos da raça branca com os indígenas, sinônimo de mameluco (VERÍSSIMO, 1887).

**Figura 1-** Edson, formatura em Ciências Sociais



Fotografia de Edson Diniz, registrada no dia de sua formatura de grau no ensino superior, no curso de Graduação em Direito, pela Fundação Eurípedes Soares Rocha (FESR), no ano de 1980. Fonte: Acervo pessoal.

Com uma extensa produção, seu currículo Lattes (atualizado pela última vez no ano de 2006) registra o número de 38 trabalhos publicados entre artigos, livros e periódicos somados; 29 atuações profissionais; 5 prêmios e títulos; 43 apresentações em eventos; 5 consultorias; 19 atuações técnicas; participou de 3 bancas, sendo duas de doutorado e uma de mestrado; compôs 9 bancas de concurso e candidaturas à docência; Palestrou em 14 eventos; e orientou uma tese de doutorado.

Iniciou o curso primário na cidade de Óbidos em 1943. Em 1952 concluiu o, referido na época, curso ginásial (1º grau) no “Ginásio Dom Amando” em Santarém. Já em Belém, no ano de 1955 terminou o então curso científico (2º grau) no Colégio Paes de Carvalho. Em 1956 ingressou na Faculdade de Direito da atual Universidade Federal do Pará, cursando apenas um semestre. No ano seguinte (1957) iniciou na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará, concluindo o curso de Bacharelado em Ciências Sociais em 1959, foi o único formando da primeira “turma” no curso. Conhecido por ser um aluno assíduo, mostrava-se também bastante interessado desde o início de sua graduação, nos

temas debatidos em sala; com diálogos e indagações aos seus professores, aprendia suas primeiras noções básicas de teoria sociológica. Durante seu período de graduação já mostrava ser um aluno inclinado ao caminho da pesquisa, tendo sido bolsista de Iniciação Científica, pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), com dotação da Super Intendência da Valorização Econômica da Amazônia (atual SUDAM) <sup>10</sup>, entre os anos de 1958 – 1959. Na época a instituição contava com a colaboração de renomados profissionais como Paul Hilbert, Protásio Frike, Charles Wagley, Eduardo Galvão, entre outros.

Entre o bacharelado e a licenciatura, ausentou-se de Belém para o Rio de Janeiro. Durante esta viagem, registrado por ele como um concurso para ingressar no curso de pós-graduação (especialização) do Conselho Nacional de Pesquisa<sup>11</sup>, participou do que seria o Curso de Teoria e Pesquisa em Antropologia Social, no ano de 1960. Deixando sua marca na história da região, como o único nortista a cursar esta pós-graduação *latu senso*. O curso era hospedado pelo Museu Nacional em convênio com o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro). Durante seu momento neste curso de formação antropológica, teve a oportunidade de dividir a sala de conhecer e trabalhar com antropólogos como Roberto Damatta (Fig.2) e Roque Laraia (LARAIA, 2014).

---

10

A SUDAM substituiu a autarquia anterior: "Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia" (SPVEA), criada por Getúlio Vargas em 21 de Setembro de 1953, cujo objetivo também era o desenvolvimento da região amazônica. A SPVEA, que era diretamente subordinada à Presidência da República, teve sua sede oficialmente instalada em Belém.

11

Assim era chamado O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, ainda recente nesta época, manteve seu antigo nome até 1974, no qual a sigla se manteve CNPq.

**Figura 2 – Edson e Roberto Damatta**



Tendo se conhecido durante o Curso de Teoria e Pesquisa em Antropologia Social, Edson e Roberto Damatta tornaram-se mais que colegas de curso, tornaram-se amigos. Roberto Damatta também compôs a banca examinadora durante a defesa de tese para o título de doutor, de Edson, em 1971. Essa fotografia foi registrada em um dos encontros da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Fonte: Acervo pessoal.

Destaca-se essa passagem de sua vida acadêmica, devido à relevância histórica desse curso, pois fora promovido por um professor de renome no cenário antropológico nacional, e quem viria a ser seu orientador na defesa da tese de doutorado: Roberto Cardoso de Oliveira. Este mesmo curso resultou na fundação, em 1968, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social<sup>12</sup> da presente

12

Os selecionados foram Roque Laraia, Roberto da Matta, Alcida Ramos, Edson Diniz, Hortência Caminha e Odília Benvenuti. De acordo com Roque Laraia, em entrevista para UFPR, afirma que estas duas últimas foram as pessoas que não continuaram na Antropologia. E que Edson havia sido assistido por Eduardo Galvão, mentor e colega de trabalho no MPEG (LIMA; PINTO, 2001).

instituição (FAULHABER, 1999). A partir de iniciativas como esta, de Roberto Cardoso de Oliveira, Edson começava a compor um corpo teórico de estudos brasileiros voltados para o estudo de “Áreas de Fricção Interétnicas”, na época, uma nova forma de abordagem, no país, as possibilidades de aculturação e desdobramentos entre: os nativos e os “civilizados” (idem).

Estas oportunidades abriram-lhe caminho para a carreira de pesquisador no MPEG, no transcurso de 1961 a 1969, inicialmente como assistente, e posteriormente como pesquisador associado B-5 pelo MPEG. No mês de Março de 1970 passou a exercer o magistério da disciplina de Antropologia, a convite da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, atualmente Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP). Lecionava as disciplinas de Etnologia Indígena, Antropologia Social e Antropologia Física.

Em Dezembro de 1971 doutorou-se em Antropologia, com sua tese “Os Índios Macuxí do Roraima: sua instalação na sociedade nacional”, tendo sido orientado por Roberto Cardoso de Oliveira<sup>13</sup>. Aponta-se que em setembro de 1976, foi aprovado Professor Livre Docente<sup>14</sup>, em concurso público de provas, títulos e tese, “Dependência e Destino: os Terena e os Guarani do Arirabá”. Ainda na década de 1970, transferindo-se para Marília-SP, em setembro de 1978 foi aprovado em concurso público de títulos para professor-adjunto na disciplina de Antropologia..

Já na década de 1980, no mês de outubro de 1980, também por meio de concurso público de provas e títulos, sendo aprovado então como professor titular de Antropologia na UNESP, campus de Marília. Em dezembro do mesmo ano, graduou-se em um segundo curso superior (durante o tempo que morou em Marília – SP). cursou Bacharelado em Direito, na Faculdade de Direito de Marília pertencente à Fundação Eurípedes Soares da Rocha<sup>15</sup>, para satisfazer um antigo desejo do pai de

13 Foi um antropólogo indigenista e etnólogo do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), foi autor de 12 livros, com publicações no Brasil e no exterior, foi fundador do programa de pós-graduação do Museu Nacional/UFRJ, e da Universidade de Brasília. “Trabalhou os conceitos de aculturação, baseados no marxismo e no conceito de fricção interétnica na relação índios e brancos” (<http://www.canalciencia.ibict.br>).

14 Livre docência é um grau acadêmico é um título concedido no Brasil por uma Instituição de ensino superior, mediante concurso público aberto, desde o ano de 1911, pela antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Esse grau acadêmico é considerado o estágio mais elevado da carreira universitária que se pode chegar, pois atesta uma condição acadêmica superior na docência e para pesquisa. “Normalmente os concursos exigem que o livre-docente possua título de doutorado, há pelo menos cinco anos, pois consideram que esse período é necessário para o amadurecimento da tese” (CAMARGO; LEME, 2011).

15

“A Fundação de Ensino Eurípedes Soares da

“ter um filho doutor”, categoria comumente exaltada para os sujeitos daquele contexto humilde, onde havia nascido.

Edson Diniz destaca-se que em relação a sua atuação profissional, durante seu tempo em Marília, como professor, tendo sido também diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências do mesmo campus e chegou a ser professor decano do departamento em que atuava, devido ser o mais antigo em termos de trabalho no seu departamento de atuação.

A cada uma dessas etapas profissionais e curriculares, foi proporcionada ao meu avô a oportunidade de desenvolver pesquisas relevantes, apresentadas em publicações de diferentes formatos – sempre se mesclando “sorte” com empenho ao relatar cada uma de suas oportunidades – seus trabalhos tiveram prestígio nacional e internacional.

Entremeadamente frequentou cursos de Extensão Universitária e ministrou outros tantos. Foi examinador de teses nas Universidades de São Paulo, Campinas, Estadual Paulista e na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Em 1987 foi *Visiting Scholar* no *Center for Latin American Studies* da Universidade de Columbia (EUA), através do prof. Charles Wagley. Atuou como pesquisador quando compôs o quadro de profissionais do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E também foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), com a tese “Os Índios Makuxi do Roraima: sua instalação na sociedade nacional”.

Já era aposentado como professor titular pela UNESP, desde março de 1991, tendo passando desde então até junho a exercer a função de Assessor Especial da Presidência da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em Brasília. De novembro do mesmo ano a agosto de 1993 exerceu função de Analista de Sistemas do CNPq, quando regressou ao Museu Paraense Emilio Goeldi, onde reiniciou suas atividades de pesquisador, até 18 de maio de 2004 quando foi aposentado compulsoriamente, por ter completado setenta anos.

---

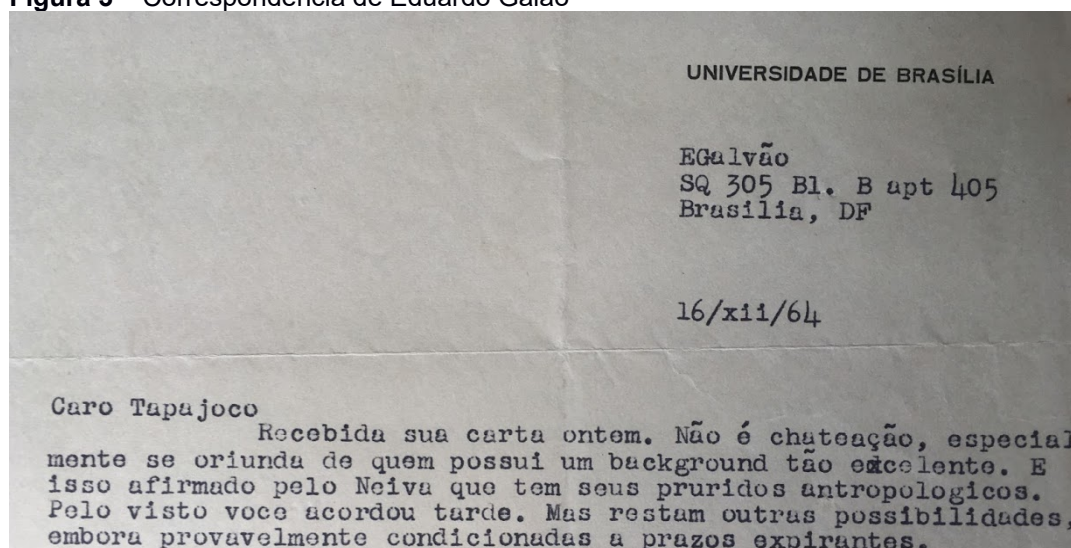
Rocha (FEESR) iniciou seus trabalhos no ramo da educação superior em 08 de agosto de 1967. Instituição de natureza confessional e caráter espírita, desde sua implantação (até os dias de hoje), seguiu alinhada com propósitos, inclusive, emanados pelos programas e projetos do Governo Federal, no atendimento e oferta de bolsas de estudos e promoção de oportunidades aos menos favorecidos economicamente” ([www.univem.edu.br](http://www.univem.edu.br)).

## 2.1 – O FILHO, O MARIDO, O PAI, O AVÔ

Apesar dos destaques aqui feitos sobre a vida profissional do ‘professor Diniz’ – como também era conhecido – ressalva-se que a trajetória de vida deste sujeito foi bem mais densa, e interessante do que este texto ou currículos do mesmo possam registrar, pois a captação de informações sobre um sujeito (em especial alguém com uma relação afetiva) não se compara a dificuldade de ter o que, ou como relacionar esses dados a pessoa.

Nos entrelaces, entre o etnólogo e o avô, amigo, esposo, filho; Edson poderia ser identificado por alguns vocativos – aqui destacados, por cartas lidas – de seus remetentes: “Saudoso filho”, saudava-lhe a mãe, dona Esmerinda. Devido constantes viagens a trabalho, sucessivos projetos de pesquisa e a mudança de estado, o afastavam de sua terra natal, Santarém. “Querido marido” assim lhe chamava Glébia, sua esposa. Ela teve a oportunidade de acompanhá-lo em alguns de seus trabalhos de campo, bem como seus filhos João e Gledson, os deslocamentos contínuos demandavam-lhe que se reinventasse, no que tangia sua presença como pai e marido; por vezes minha avó o auxiliava com alguns registros – revisando material escrito e datilografando registros de campo junto ao meu avô – e também realizava desenhos técnicos sobre pinturas corporais, ou fenótipos étnicos. Quando chamado de “Caro Tapajoco” (Fig. 3), esse vocativo denunciava um de seus apelidos carinhosos, atribuído por seu amigo e mentor, Eduardo Galvão.

**Figura 3** – Correspondência de Eduardo Galvão



Uma das correspondências trocadas entre Eduardo Galvão e meu avô, nesta carta Galvão dava orientações sobre uma das pesquisas com grupos étnicos, devido a

um – dentre vários – relatórios que a profissão demandava ao meu avô. Fonte: Acervo pessoal.

Cada documento revela uma faceta de sua vida. Podem representar a latência de informações desdobradas em múltiplos objetos; concomitantes ou sucessivos servem para retratar – ainda que palidamente – seus perfis. Assim sucedeu, com seu jeito metódico e preservacionista, acreditava que o cuidado e registro de seus arquivos fossem de grande valia pessoal, familiar e coletiva. Todo este movimento colocava em perspectiva, o que lhe havia de comum com outras pessoas, um desejo guardar-se em “papel” (fotos, diários, livros, cartas); para que seu conhecimento, suas experiências fossem salvaguardadas do esquecimento (CUNHA, 2008).

Ainda ao tratar sobre a trajetória de meu avô lanço algumas reflexões baseadas em conversas antes de seu falecimento, e dados observados no acervo. Por exemplo, apesar de toda uma trajetória de relevância e contribuições nacionais e internacionais, por que Edson Diniz parece ser um nome pouco conhecido em seu próprio estado de origem? Antes de expor algumas ideias a respeito das possíveis causas, destaco alguns títulos de trabalhos no Brasil e no exterior, que utilizaram os estudos dele como referência: Expedito Arnaud (1964) “Notícias sobre os Índios Gaviões”, publicado no boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi nº 20, Belém; Herbert Baldus (1964) “O Estado Atual da Etnologia Brasileira”, em América Latina nº4, Rio de Janeiro; Octávio Ianni (1966) “Raça e Classe”, São Paulo; Eduardo Galvão (1979) “Encontro de Sociedades”, editora Paz e Terra, Rio de Janeiro; Roberto Cardoso de Oliveira (1978) “Sociologia do Brasil Indígena”, Rio de Janeiro; Roque de Barros Laraia (1978) “O desenvolvimento da Antropologia no Brasil”, Ciências Sociais Hoje, Salvador; Lévi-Strauss (1986) “*Du Miel aux Cendres*”, França.

A intenção de apresentar algumas destas referências que citaram ou tiveram os trabalhos do meu avô também como referência bibliográfica, se dá devido a uma das possibilidades de baixa repercussão no estado, e no país. Acredita-se que ao visualizar-se parte da trajetória acadêmica dele (grande parte fora do Pará) seja compreensível que a visibilidade de suas pesquisas tenham se limitado ao campo científico da época – em especial ao MPEG e a UNESP. Assim é possível perceber que suas produções, inclusive, projetaram-se mais intensamente para fora do estado (até onde me foi possível acessar, por meio de sites, e dos documentos lidos).

Outro fator que se destaca é o intervalo de tempo onde houve uma maior frequência de publicações suas, entre o final da década de 1960 até o final dos anos 1990. Grande parte de suas pesquisas ficavam em posses restritas das instituições que trabalhou, ou apresentou algum trabalho – assim como algumas cópias que foram encontrados no seu acervo. Então é provável que além do acesso limitado aos textos de meu avô, por consequência à própria divulgação desses fosse precária. Se o fator “tempo” também for levado em consideração, acrescentaria que estudos e publicações voltam-se para questões e tendências das sociedades onde são produzidos, dessa forma acredita-se que as pesquisas indigenistas tenham perdido certo “fôlego”, com o passar do tempo, por motivos variados, e quem sabe pela dificuldade de acesso a dados, ou contato com grupos autóctones com quem meu avô teve contato.

O último elemento, que consideraria relevante entre os motivos pelos quais os trabalhos e o nome de meu avô não terem reverberado com intensidade, após mais de trinta anos, desde seu ingresso na pesquisa, foi um motivo descrito por ele a mim, em uma de nossas conversas a respeito de sua aposentadoria. Ele me disse<sup>16</sup> – deitado em sua rede, dentro do escritório, onde passava o dia lendo e assistindo noticiários:

[...] eu já não tenho mais paciência e interesse para a sala de aula  
[...] Pesquisas e palestras também não me encham mais os olhos.  
Quando mais jovem dediquei muito do meu tempo aos trabalhos de campo, cheguei inclusive à levar sua avó, seu pai e seu tio comigo, algumas vezes. Hoje em dia prefiro não estar nos holofotes, como alguns de meus amigos, que dão entrevistas por aí e continuam publicando [...].

Através deste relato em forma e memória, buscou-se ilustrar um pouco um perfil mais pessoal do meu avô, onde o seu “espírito caboclo” pedia pela calmaria de sua rede, em busca de “recuperar um tempo” de descanso do qual não teve oportunidade de desfrutar na juventude e vida adulta. Algo que poderia parecer como uma acomodação – a primeira vista – soava como alguém que estava satisfeito, ciente de seus limites. Era como se o etnólogo repousasse, enquanto o avô, o pai prosseguisse até o fim de seus dias.

---

16

Chama-se atenção para o fato de que várias palavras aqui neste trecho são utilizadas para relembrar uma conversa pessoal, de mais de 4 anos, entre meu avô e eu.

Chama-se atenção para o fato de que várias

### 3 A MUSEALIDADE DO ACERVO

Dentro do que tange a composição deste trabalho como um projeto de memórias inter-relacionadas (dos objetos e das pessoas), constituído pelo conjunto de objetos encontrados entre os pertences do meu avô, preocupei-me com a salvaguarda de seus conteúdos, em vistas de compor um corpo de pesquisa e questões – crescentes – características de arquivos pessoais não institucionalizados.

Antes de iniciar a apresentação desse material em si, faz-se importante dialogar sobre algumas terminologias que iluminarão os pontos subsequentes. Primeiramente, três conceitos serão utilizados como termos correlatos para representar o conjunto documental de meu avô: arquivo pessoal, acervo e coleção. O que em outros campos de estudo podem parecer objetos de análise específicos para seus contextos, sob a perspectiva museológica são tratados aqui como correlatos, em vista de representar o conjunto de documentos e objetos.

Primeiramente a palavra acervo designa um “conjunto de bens” e, nessa concepção, aproxima-se mais de uma compreensão geral da palavra patrimônio. Segundo a historiadora Maria Teresa Cunha (2007), a palavra acervo costuma designar um conjunto de documentos, objetos (bi ou tridimensionais) reunidos e abrigados (custodiadas) por instituições (como museus, bibliotecas, arquivos e centros de documentação), ou presentes em coleções particulares. Ainda sobre acervos, autora complementa:

Há dois tipos de acervo: 1) aqueles reunidos em função da vontade exclusiva de quem os reúne (quem reúne escolhe o que reunir, conservando e descartando o que bem entender segundo sua vontade, apenas); 2) os reunidos em função das diversas atividades realizadas por quem os reúne (pesando aí tanto a vontade/escolha como a obrigação de reunir e guardar). O acervo reunido pela exclusiva vontade de quem o reúne é chamado de coleção (CUNHA, 2007, p.113).

Tomando a prerrogativa desta citação da autora, acredito que meu avô tenha erigido seu acervo com características dos dois tipos citados pela autora. Portanto, ele reuniu documentos tanto por sua escolha, quanto pelo sentimento e dever, ao guardar “peças-fonte” de suas produções e afins.

Sobre 'coleção', expõe-se que os objetos que compõem uma coleção podem ser os mais diversos possíveis, e ter procedências diversificadas, tratar diferentes temas, mas "é necessário que esses agrupamentos de objetos formem um conjunto (relativamente) coerente e significativo"; assim contextualizam André Desvallées e François Mairesse (2013). Na definição dos autores:

De modo geral, uma coleção pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos, etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada (DESVALLÉES; MEIRESSE, 2013).

Já um arquivo pessoal, se compreendido como conjunto documental pode eventualmente também ter traços de uma coleção ou acervo. Partindo da literatura arquivística, os arquivos pessoais compõem uma das subcategorias dos arquivos privados. No caso do arquivo privado, este é o "arquivo de entidade coletiva de direito privado, família ou pessoa. Também chamado de arquivo particular" (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 35). Todavia arquivo pessoal é o "arquivo de pessoa física" (idem, p. 34). Heloisa Belloto (2007) define arquivos pessoais como:

[...] também considerados arquivos privados propriamente ditos –, os constituídos por documentos produzidos e/ou recebidos por uma pessoa física (cidadão, profissional, membro de uma família ou elemento integrante de uma sociedade), enfim, de documentos que preservados para além da vida dessa pessoa, constituem seu testemunho, como um conjunto orgânico, podendo então ser abertos à consulta pública. (BELLOTTO, 2007, p. 265)

A partir dos conceitos aqui destacados buscou-se contextualizar a inserção do acervo (coleção, arquivo) pessoal do meu avô, aqui defendido também como um acervo museológico. Pois em sua transversalidade engloba conteúdos (objetos-documento, memórias) passíveis de pesquisa, salvaguarda e comunicação deste patrimônio (POULOT, 2013).

Acervos e coleções museológicas assim são, pois são gerados por atividades de indivíduos (ou instituições) dotados tanto de seletividade, quanto organicidade. Dentro dos eixos de trabalho do museólogo, no que tange sua proximidade com as Ciências da Informação, tem-se como objetivo realizar análises

de coleções e seus potenciais informacionais, a partir dos elementos intrínsecos e extrínsecos dos objetos, tendo em vista suas representações simbólicas e relações com o meio social em que se inserem.

Nesse sentido, acredita-se que os registros da estória e memórias de Edson Diniz, mantiveram-se atualmente – em grande parte – por meio dos documentos gerados – inicialmente – pelos seus esforços em salvaguardar suas lembranças e feitos. Esses registros, devido seus trajetos afetivos e históricos, sob o olhar da musealização, adquirem qualidade de ser fonte de informações. Porém, para que constituam uma completude museológica, faz necessário que estejam acessíveis aos interessados, sejam pesquisadores ou a sociedade em geral.

As informações aqui levantadas sobre o acervo pessoal de meu avô foram feitas por meio de seus componentes extrínsecos, destacados por Mensch (1992) e Ferrez (1991) de informações documental e contextual. Sendo aquelas obtidas por fontes distintas, que atravessam ou se aproximam do objeto de estudo. Estas nos possibilitam descobrir trajetórias pelas quais os objetos tenham passado, suas funções e aquisição de significados. No caso deste acervo, frequentemente foi possível identificar relações internas entre os documentos do próprio acervo, por completude ou como se os textos “falassem entre si”, e por seu antigo dono.

Por isso, diz que a documentação museológica, em específico a documentação referente ao acervo museológico, é parte fundamental do processo de musealização, ou seja, a documentação de acervo museológico é uma das ações de construção do objeto-documento enquanto *musealia*<sup>17</sup>. Por isso, fez-se relevante uma breve explanação sobre esse processo e a constituição do objeto enquanto documento primário ao qual se volta à documentação de acervos museológicos.

Nota-se então que evidenciar a latência de um objeto, ou conjunto destes, é indispensável para sua construção enquanto objeto museológico. Contudo observa-se que estamos cercados de objetos e que nem todos eles passarão pelo processo de musealização, isso porque a primeira etapa da musealização se refere a seleção, que determina a retirada do objeto do seu circuito de produção, manutenção e uso e o eleva a categoria de referência a esse contexto original, tornando-se então objeto-documento, fonte de informação.

---

17

Observa-se aqui que o processo de musealização, do objeto em documento, ou museália pode ocorrer *in situ* ou *ex cito*, não implicando necessariamente na remoção do objeto-documento de um local para outro.

### 3.1 A COLEÇÃO E SUAS MEMÓRIAS

Jv! Pegue este livro! Leia o título... Agora veja o ano. Bem antigo, não? Pois bem, esse livro é um dos mais raros e antigos da minha coleção bibliográfica. Tem valor no mercado! Deixarei este, e os demais para você, e que possas fazer bom proveito disso tudo (Edson Diniz, s/n).

Apesar da imprecisão destas palavras, devido ao tempo, esse é um registro de um dos discursos que meu avô me fez sobre seu acervo, antes de sua morte. Ele manifestava orgulho por ter cuidado e acumulado tantos livros em sua trajetória acadêmica/profissional. Um elemento que acrescentaria ao que não aparece dito nessa narrativa; seria o fato que em tempos atrás, em sua juventude ele teria dado um prestígio maior aos conteúdos de seus arquivos, do que um possível valor monetário, o qual ele especulava. A cada visita, um trecho de sua memória me era confiada, enquanto o professor Diniz ensinava seu último orientando/neto. “A biografia dos objetos introduz novo problema: a biografia das pessoas nos objetos” (MENESES, 1997).

Neste capítulo, pretende-se apresentar alguns dos percursos do acervo, bem como suas memórias entrelaçadas com documentos escolhidos para ilustrar algumas passagens da vida de meu avô, e que considere memoráveis, por uma relevância ou na carreira dele, ou pelo valor afetivo.

Sustenta-se aqui que a trajetória deste acervo tenha se iniciado a partir dos primeiros documentos preservados e produzidos pelo meu avô, com o intuito de serem utilizados futuramente, com a mesma ou diferentes funções. Dessa forma, adianta-se que devido ao perfil multifacetado da coleção, esta foi tratada durante a pesquisa como um acervo de cunho arquivístico-museológico. Dentro dos percursos do acervo pertencente à coleção pessoal de Edson Soares Diniz, descrevo aqui seus deslocamentos a partir do meu primeiro contato como pesquisador e neto, partindo do ano de falecimento do meu avô, 19/10/2012. Estes deslocamentos que me refiro incidem com a partilha de seus pertences entre os familiares.

Resultado do seu empenho pessoal é possível identificar traços de suas atividades como profissional (mais evidentes), e experiências pessoais (mais

latentes). O acervo é composto de documentações pessoais, objetos (artefatos, utensílios, etc), e documentos de arquivo, entre estes se encontram diversas tipologias como: diários de campo (fig.4); heredogramas<sup>18</sup> (fig.5) sobre as famílias dos sujeitos entrevistados; cartas (fig.6) trocadas com correspondentes nacionais e internacionais; mapas sobre delimitação de terras, localização “postos indígenas” da época, mapas das regiões visitadas; gravuras (fig. 7) motivos de pinturas corporais; disquetes; livros (de autoria própria, literatura nacional e estrangeira, bem como de teoria nacionais e internacionais); periódicos (recortes de jornal e boletins de museus científicos); objetos tridimensionais (flechas, lanças, arcos, entre outros); e documentos pessoais como diplomas, artigos, títulos de associações, etc.

**Figura 4** – Diário de campo datilografado



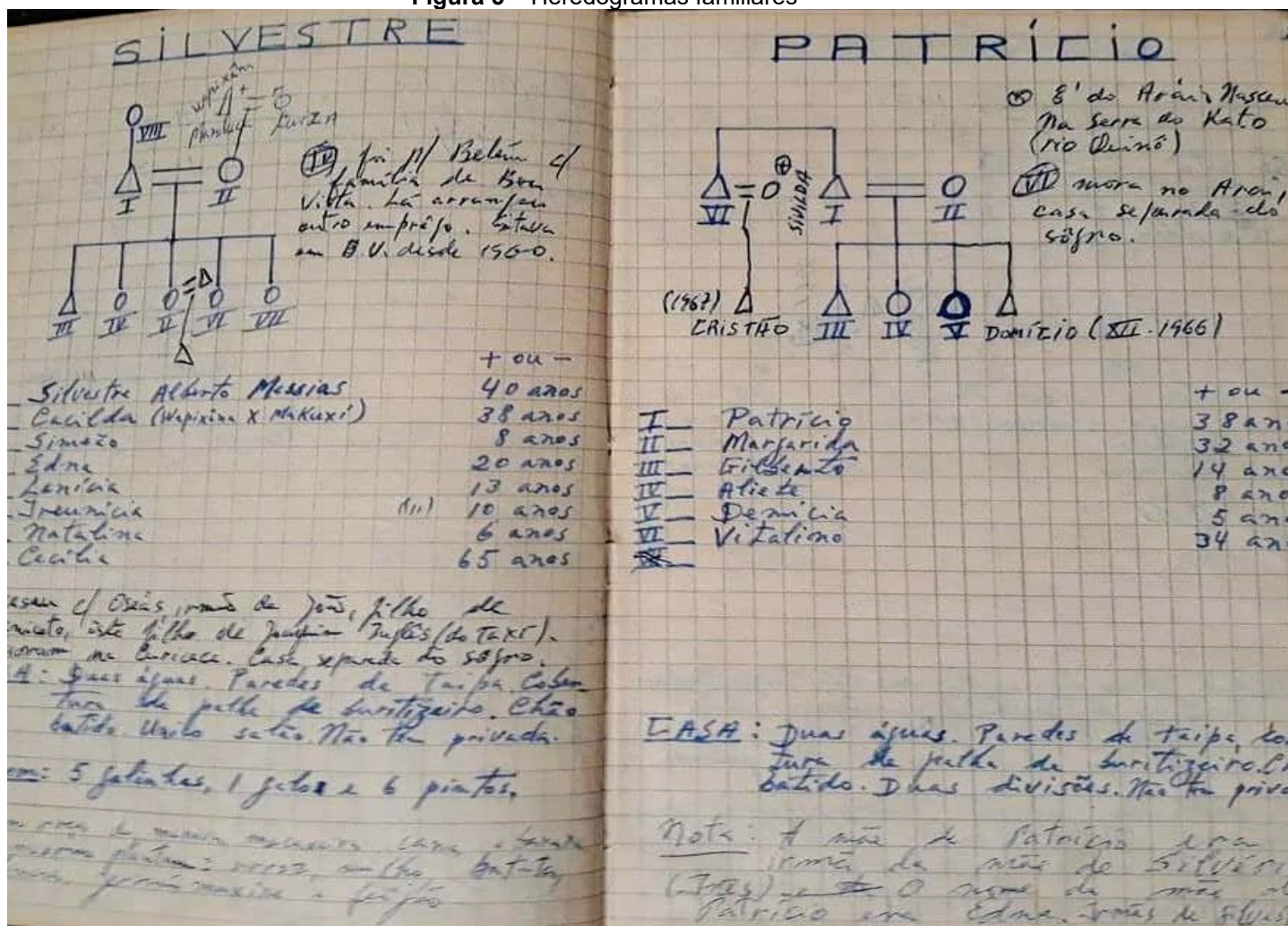
Fichário contendo um dos diários de campo datilografados, relatando a visita ao “posto indígena” *Araribá*. Posto habitado por integrantes do grupo Tenetehara. Fonte: Arquivo pessoal.

---

18

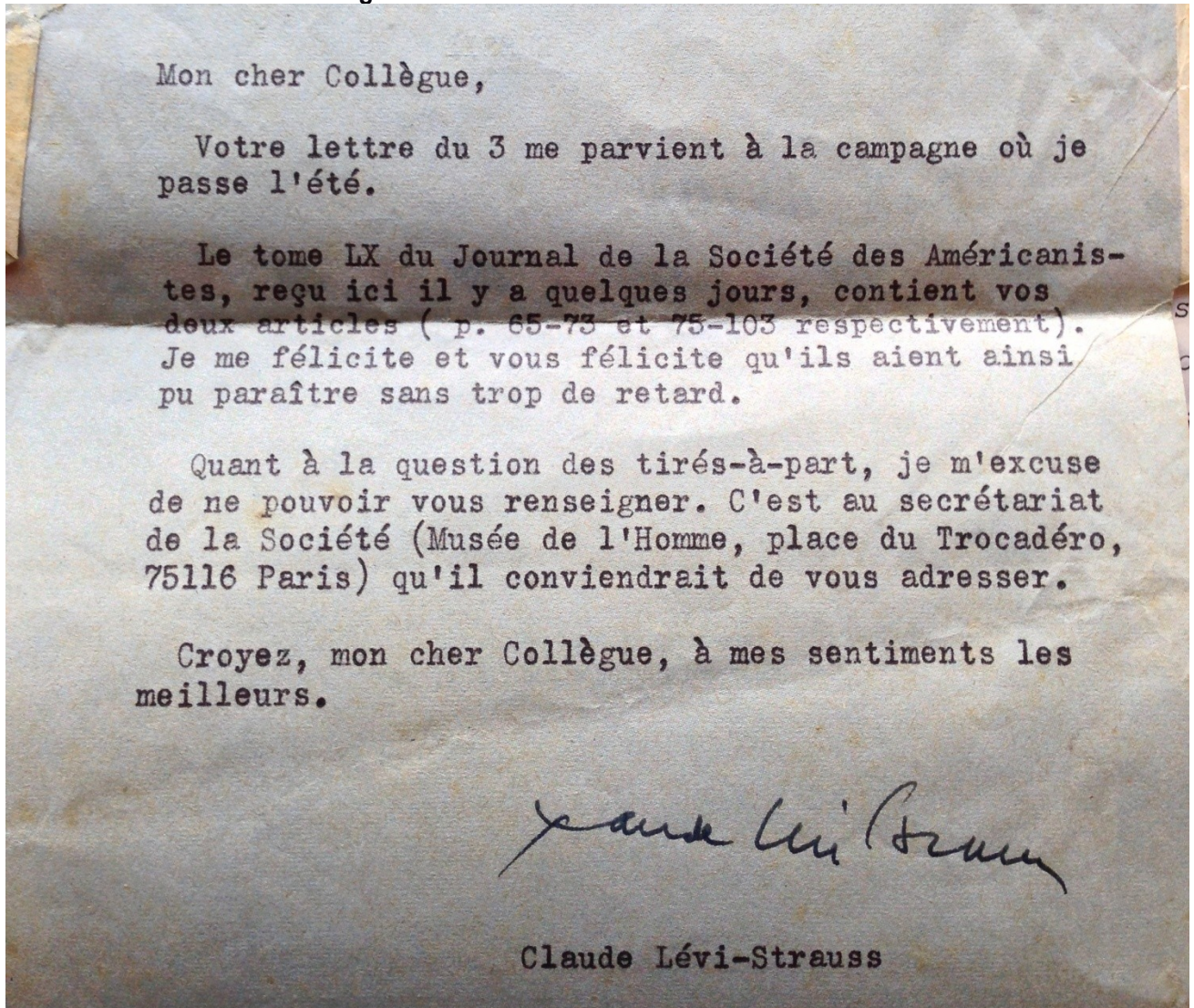
Representação gráfica usada para descrever a história familiar de um indivíduo em termos de ascendência, descendência e ocorrência de determinado traço distintivo comum. cf. Heredograma- Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa.

Figura 5 – Heredogramas familiares



Em registros como relatórios e diários de campo, Edson registrava as relações de parentesco e contingente familiar através dos heredogramas. A junção desses dados com as condições de habitação proporcionavam uma ideia da forma de vida destes sujeitos entre laços consaguíneos, ou entre suas relações sociais. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6 – Carta de Claude Lévi-Strauss



Correspondência de Lévi-Strauss (1908-2009), renomado antropólogo francês, dentre sua extensa produção científica, possuía trabalhos sobre civilizações nativas brasileiras. Nesta carta, Lévi-Strauss compartilha felicitações pelos artigos de meu avô presentes no *Journal de La Société des Américanistes*, em 1973. Fonte: arquivo pessoal.

**Figura 7** – Ilustração de desenho corporal



Essa é uma das ilustrações feitas pela minha avó (Glébia do Nascimento) em um trabalho de coautoria com meu avô. Nesta imagem é retratado um motivo facial, em um jovem *Kayapó-Kubekrakegn*.

Destacando o fato de que um arquivo pessoal não seja elaborado por acaso, por amostragens aleatórias. Afirma-se que uma história de vida não se faz com documentos que nasceram para serem preservados. A organicidade de acervos como este combina elementos ‘orgânicos’ de agregação, seguidos de uma ‘lógica’ acumulativa de Edson. Essa coleção se fez com uma infinidade de papéis cotidianos, com os da rotina etnológica, e do dia a dia administrativo dele (BELLOTTO, 2007).

A partir da partilha<sup>19</sup>, dos bens encontrados em seu acervo, as primeiras

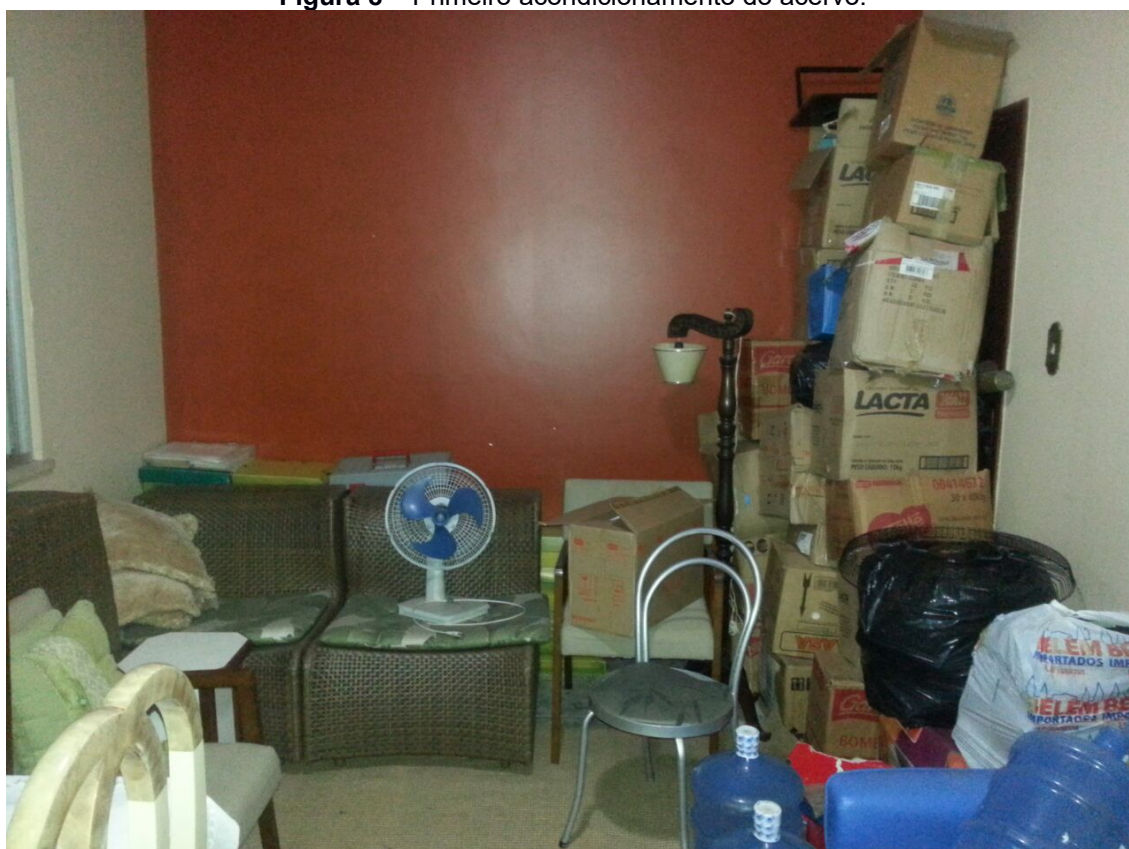
19

Seguindo a vontade do meu avô, exteriorizada de forma verbal antes de seu falecimento, meus tios e meu pai cederam-me à posse do

seleções de documentos encontrados foram dos livros de literatura e científicos (ambos nacionais e internacionais), levados para minha residência. Esta seleção deu-se devido o interesse inicial em conservar obras literárias e acadêmicas raras encontradas na coleção, bem como a leitura das mesmas.

Após esse primeiro desmembramento do acervo, devido às condições de espaço e armazenamento, os documentos remanescentes no apartamento de meu avô que dizem respeito às suas produções<sup>20</sup> e demais livros de sua coleção foram para um dos apartamentos do meu tio, seu filho mais velho. Não tive informações sobre cuidados tomados com estes materiais em seu traslado. Ao chegar a seu destino atual, os objetos foram dispostos na sala de estar do apartamento (como apresentado na Fig.8).

**Figura 8** – Primeiro acondicionamento do acervo.



Essa é uma imagem da sala de estar, do apartamento do meu tio, esta estava em desuso e com espaço suficiente para a armazenagem dos materiais, por esse motivo tornou-se a primeira opção como local de guarda. Fonte: Arquivo pessoal.

Neste ambiente, os materiais ficavam em temperatura ambiente com janelas fechadas, fora do alcance dos raios solares. Nos suportes de guarda –

---

patrimônio documental pertencente à sua coleção.

20  
registros pessoais.

Seus relatórios, processos, artigos, livros e

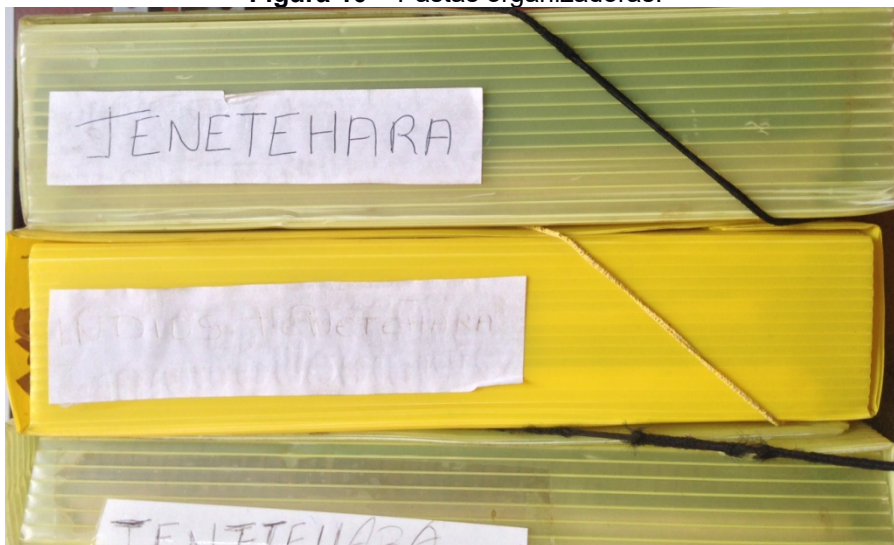
caixas de papelão, fichários e pastas plásticas – estavam (e permanecem) guardados, respeitando a forma de agrupamento elaborado por Edson, os documentos referentes às suas pesquisas com cada população estudada; a tipologia dos documentos como: correspondências; filiações (Rotary Clube Belém); instituições; processos; boletins; diários de campo. Já nas caixas, encontravam-se os livros remanescentes da retirada feita por mim:

**Figura 9** – Livros guardados em caixa.



Esta imagem foi utilizada para demonstrar o acondicionamento de alguns livros de teoria que compunham a coleção. Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 10** – Pastas organizadoras.



Pastas com o exemplo de organização feita pelo meu avô. Esta segmentação respeitava a divisão por etnias, nesse exemplo tem-se do grupo Tenetehara. Fonte: Arquivo pessoal.

Após dois anos, desde o falecimento de meu avô em 2012, os documentos permaneceram em condições como as ilustradas nas figuras 8, 9 e 10. Nestas condições expostas anteriormente, estavam sendo apenas limpas as caixas e pastas, exteriormente com espanadores, e a sala com pano úmido e vassoura.

Em meados de 2014, com meu ingresso no curso de Museologia na Universidade Federal do Pará, eu mesmo – após tomar conhecimento de procedimentos básicos para guarda e limpeza dos objetos – sugeri ao meu tio, que fossem compradas estantes de aço para melhor distribuir e preservar o conjunto. Dessa forma, buscando manter a organização prévia, integridade e acesso mínimo às informações dos suportes (por mais que as etiquetas “originais” do acervo estivessem gastas) os documentos foram separados de acordo com os critérios mencionados anteriormente<sup>21</sup>.

Por conseguinte, respeitando manuseio básico de acervos descrito nos Parâmetros para a Conservação de Acervos (2005), e levando em consideração os recursos disponíveis para a conservação da coleção; o cuidado foi o elemento-chave. Pois qualquer manuseio poderia causar danos, e um trato inadequado rapidamente inutilizaria algum item em condições de risco. Dessa forma, os arquivos foram abrigados em condições iguais ou melhores do que as encontradas no seu local anteriormente acondicionadas. Inicialmente sendo dispostos em um novo suporte (Fig.11).

Aqui se faz um destaque para a relação ‘arranjo x acesso’, pois são atividades fundamentais em arquivos de cunho permanente nos quais se incluem os arquivos pessoais; são processos de organização que visam a disponibilização e a acessibilidade aos materiais.

Se, a princípio, o conjunto de documentos aqui descrito teve um ordenamento prévio, isso não significa que o trabalho de reorganização possa ser realizado sem levar em consideração qualquer medida anterior, assim como o perfil subjetivo de quem a ordenou. Como peças de um quebra-cabeça, cada documento combina-se ao outro, fornecendo um significado maior que as partes soltas. Seguindo esta lógica, o documento de arquivo só tem sentido se relacionar ao meio em que foi produzido, respeitando sempre o princípio da proveniência<sup>22</sup> (Arquivo Nacional,

21 Foram: grupos indígenas; tipo de documentos (cartas, boletins, relatórios); instituições (MPEG, FUNAI); e tipos de suporte (livros, fichários).

22 Princípio básico da arquivologia segundo o qual o arquivo produzido por uma entidade coletiva, coletiva pessoa ou família não deve ser

2005).

**Figura 11** – Pastas dispostas na prateleira.



Na presente fotografia pode-se observar o arranjo posteriormente realizado, a partir da aquisição das prateleiras de aço. Fonte: Arquivo pessoal.

A partir dessa disposição do material, começou-se a manuseá-lo com o uso de luvas e máscaras<sup>23</sup>. Uma limpeza<sup>24</sup> mais aplicada foi sendo desenvolvida enquanto as pastas iam sendo separadas. As pastas ficaram empilhadas (de cima para baixo) da mais pesada a mais leve. Portanto, é dessa forma que grande parte do acervo se encontra atualmente, materiais que estão em condições estáveis, mesmo que não adequadas<sup>25</sup>, e pouquíssima perda de informação em suportes – em suas grandes maiorias bidimensionais – com pouquíssima perda de

---

misturado aos de outras entidades produtoras. Também chamado princípio do respeito aos fundos (Arquivo Nacional, 2005, p.136).

23

Há uma pessoa responsável pela limpeza do apartamento, e lhe foi pedido para que deixa-se a limpeza e os cuidados deste espaço para mim. Contudo, caso fosse preciso devido minha ausência, essa pessoa foi instruída a usar luvas, máscaras assim como a dosagem e aplicação correta do *Lysoform*, superficialmente.

24

Partes da estante e das pastas eram higienizadas com a aplicação do produto *Lysoform*, passado com uma flanela umedecida com o produto, sendo este diluído numa proporção de uma colher de sopa para um litro de água. Devido a inconstância das visitas ao acervo, tanto a limpeza superficial do acervo, quanto a aplicação do produto, eram realizadas mensalmente ou trimestralmente.

25

A maioria dos livros de Edson Soares Diniz (cópias de suas publicações e, entre outros) ainda se encontra nas caixas de papelão.

informações.

Justifica-se aqui que algumas limitações impedem, até o momento, uma atuação mais ativa e adequada na gestão deste material, como por exemplo: falta de recursos e pessoal adequado para seu manuseio<sup>26</sup>; impedimentos de deslocamento de peças da coleção, e acesso de pessoas no apartamento de meu tio. Pois ele justifica temer o extravio de documentos ou apropriação intelectual, não autorizada pela família. Contudo, demonstra interesse em formas de compartilhamento digitais, futuros.

Dentre as relações de limiaridade, seu valor simbólico para os familiares e seu valor material, ao tomarmos uma das concepções do autor Bruno Soares (2012). Dir-se-ia que estes documentos adquirem a qualidade de objetos musealizados ou mesmo de objetos de memória, estes operariam na relação entre o presente, algo que se vê; e o latente, algo que se deseja observar. Ainda sobre esse pensamento, traz-se a seguinte fala do autor:

E quando essa memória, evocada por eles, é importante para o coletivo, eles são nomeados 'objetos de memória', ou, simplesmente, 'patrimônio', mesmo quando já constituem um patrimônio individual, já passam pelo afeto de alguém – já afetam, de uma forma ou de outra, o indivíduo. Lembremos que 'recordar' quer dizer "passar novamente pelo coração". E assim, toda lembrança está ligada ao nosso mais íntimo ser, todo patrimônio brota de uma relação emocional com o mundo (SOARES, 2012, p.64).

Sublinho aqui alguns documentos que acredito serem representativos no âmbito da musealidade, são o diploma de bacharel em Ciências Sociais (Fig.12), e o certificado de participação no curso de Antropologia Social (Fig.13) de meu avô, ambos no ano 1960. Compreendendo a memória como uma faculdade "aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas realizações (NORA, 1993, p. 9). Acredita-se que esses objetos-documento carregam atualizações entre passado e presente.

Se vistos pela ótica da rememoração, das ligações entre lembranças individuais e coletivas se formam uma a partir da outra, e objeto museológico é atravessado por ambas; Michel Pollak – por exemplo – aponta três elementos componentes da memória: pessoas e personagens e, por fim, lugares. Para o autor,

---

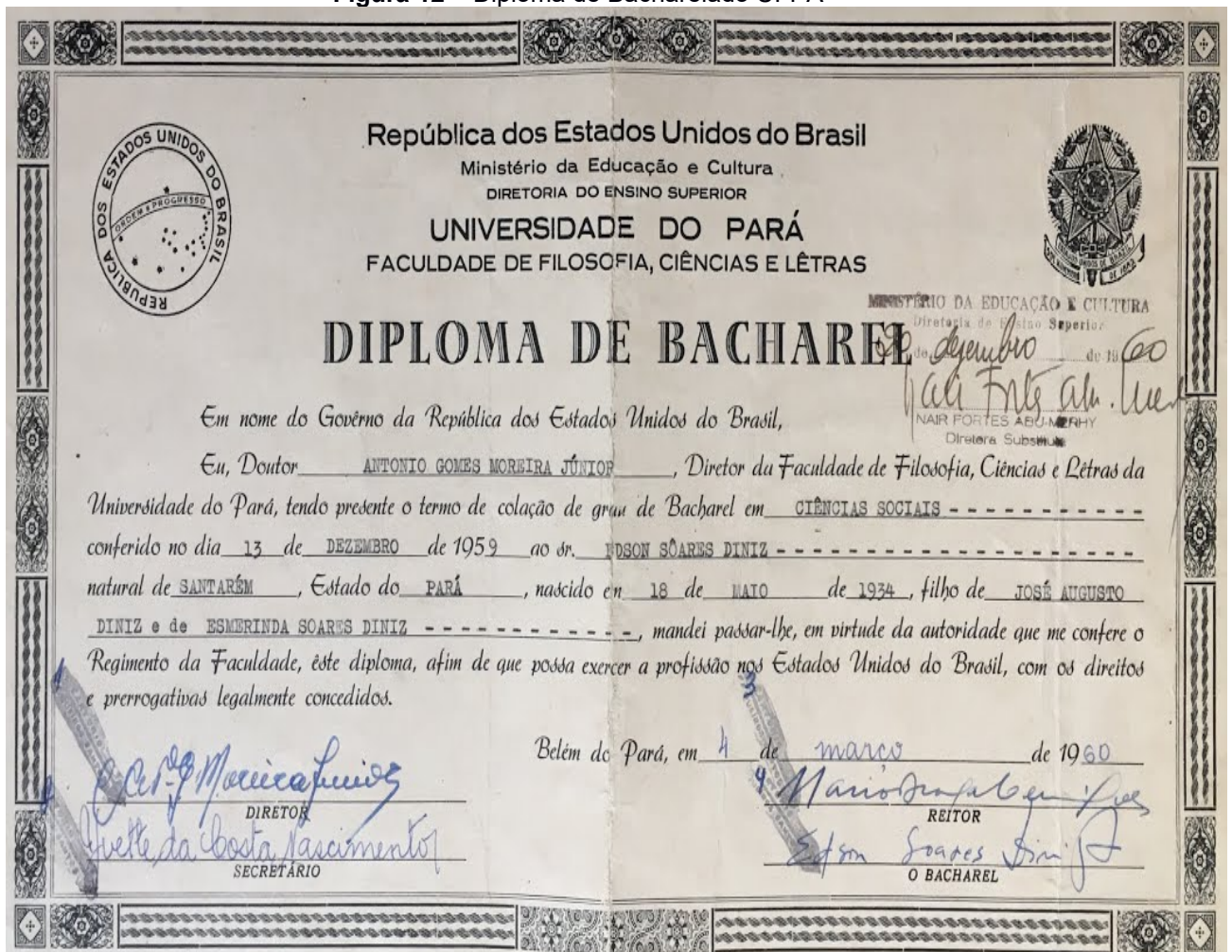
26

Até o momento apenas seu neto é quem visita com frequência a coleção para higienizá-la como mencionado anteriormente.

estes elementos edificam experiências vividas direta ou indiretamente pelos sujeitos (POLLAK, 1992). Dessa forma, para a memória coletiva da universidade, Edson foi um dos primeiros alunos do curso de Ciências Sociais, e esta lembrança está para memória individual do meu avô como um de seus primeiros passos em sua carreira acadêmica. Por conseguinte, “se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (HALBWACHS, 2013, p. 69).

Em uma relação entre as ideias dos autores, os arquivos pessoais de meu avô, estes documentos podem ser entendidos, como pontos de vista sobre memórias coletivas (compartilhada com diferentes pessoas e em diferentes locais). A forma como cada peça do acervo pode vir a se comportar acaba sendo condicionada através das relações que venham a manter com seus “contextos-momentos”.

Figura 12 – Diploma de Bacharelado UFPA



Este foi o primeiro diploma de meu avô, um dos primeiros diplomas de bacharelado no curso de

Ciências Sociais, da UFPA. Neste tempo, o curso estava inserido na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, seu diretor era o Dr. Antônio Gomes Moreira Junior. Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 13** – Certificado de participação no curso de Teoria e Pesquisa em Antropologia Social



Este certificado marca uma das passagens mais importantes de meu avô como antropólogo. Pois neste curso ele teve suas primeiras bases para o exercício do que viria a ser sua profissão. Ministrado pelo professor Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006), renomado antropólogo indigenista nacional, com reconhecimento dentro e fora do país. Este curso de pós-graduação também contou com o convênio junto ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil. Fonte: Arquivo pessoal.

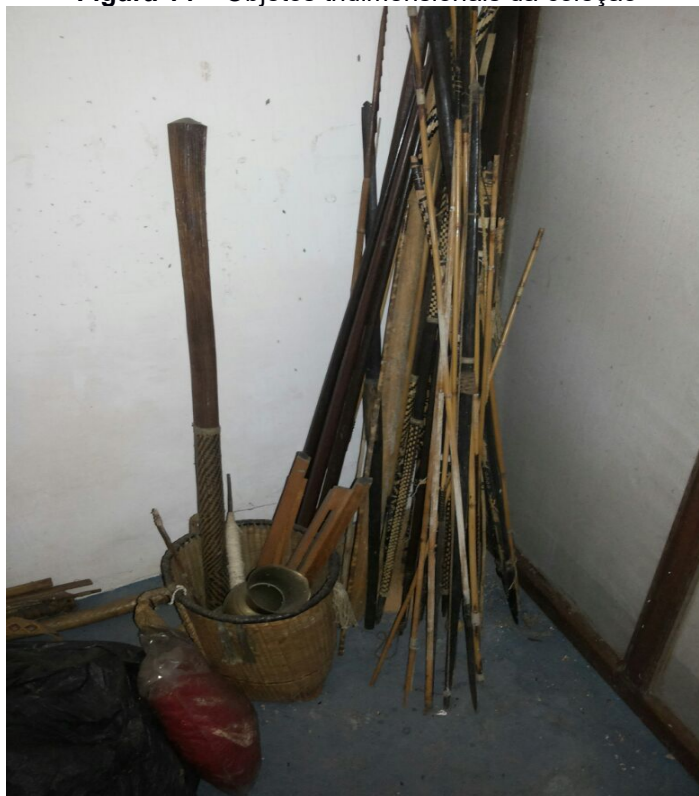
Retomando as características técnicas e materiais do acervo de Edson Diniz. Defende-se que, apesar de a necessidade deste acervo estar em um espaço que ofereça as melhores condições materiais e técnicas, com manutenções contínuas, como um ambiente de museu (local dedicado à adequação ideal dos

objetos-documento). Há um esforço de tratamento mínimo com o que pude apreender durante minhas disciplinas práticas e teóricas, no curso. Pois venho me empenhado na conservação física, e procuro intervir minimamente na sua estrutura organizacional, visando à manutenção de suas idiossincrasias; para que possa investigá-lo (futuramente demais interessados), e o comunicar (inicialmente) por meio deste trabalho, posteriormente por publicações, e se possível por um acervo permanentemente exposto (CANDIDO, 2006).

Por fim, venho atualizar essa memória-trajetória desses objetos ao informar que grande parte da coleção ainda se encontra no apartamento de meu tio. Pois em conversas informais – antes mesmo desta pesquisa ter sido planejada – soube-se que outra fração desse arquivo encontra-se distribuída em outras residências, a casa da minha tia Mariane, segunda filha.

Localizada no município de Capanema - nordeste do estado do Pará – encontra-se a residência de minha tia, onde me foi dito que estão os objetos tridimensionais: flechas, cestaria, remo e lanças (Fig. 14). Estes pertences antigos, que também possuem uma carga aurática de suas trajetórias, os quais carregam lembranças únicas, possuem agência tanto sobre seus locais de guarda, tanto reverberam sentidos para além do conjunto patrimonial à que pertencem (MILLER, 2013). Estes artefatos estão (atualmente) em posse de minha tia, devido meu avô – em vida – ter vivido no mesmo terreno que ela, durante um tempo, em sua segunda residência.

**Figura 14** – Objetos tridimensionais da coleção



Esta é uma fotografia dos artefatos onde não tive, ainda, capacidade de identificar suas relações étnicas, ou sua integridade física. Aqui não há como distinguir a estória de cada objeto-documento destes, contudo me recordo de relatos onde cada peça dessa – que quando novo algumas haviam sido guardadas em casa, devido ao volume – possui uma lembrança singular seja de viagem, seja de pesquisa, ou de relação afetiva entre as pessoas que meu avô conheceu e objeto doado. Fonte: Arquivo pessoal.

O último local, de que tenho conhecimento, onde se encontra outra parte do acervo pessoal Edson Diniz, é no apartamento de seu filho mais novo, meu pai. Aqui, em nossa residência, estão os documentos, que na presente pesquisa, foram propostos contatos mais minuciosos. Seus cuidados obedecem às medidas básicas, mencionadas anteriormente. E estes documentos correspondem às produções e materiais sobre o grupo Tenetehara Guajajara.

No próximo segmento deste trabalho será feita uma contextualização dos Tenetehara-Guajajara, com base no livro publicado por meu avô sobre este grupo e o que foi possível constatar, até o momento, buscando realizar reflexões a partir de suas produções e documentos, com base neste recorte metodológico.

#### 4 . OS DOCUMENTOS SOBRE OS TENETEHARA-GUAJAJARA E SUA TRAMA DE INFORMAÇÕES

Inicialmente justifica-se a seleção desse componente do acervo, documentos referentes à população Tenetehera-Guajajara, e seu livro publicado, “Os Tenetehara Guajajara e a Sociedade Nacional: Flexibilidade Cultural e Persistência Étnica”, como um recorte que deu-se por diversos fatores, um deles encontra-se no ponto anteriormente tratado, sobre a movimentação e composição do acervo, onde se destacaram tanto a quantidade de materiais, quanto seu volume de desmembramentos em páginas; devido o recorte metodológico necessário à pesquisa, esse foi o primeiro motivo de ter escolhido os documentos sobre essas pessoas. Outro motivo deu-se por este ser a primeira e única publicação sua pela Universidade Federal do Pará. E o terceiro motivo dá-se ao fator afetivo, pois – ainda vivo – uma cópia desta sua publicação me foi entregue, em mãos, pelo meu avô, com uma dedicatória. Por tanto estes foram, apesar das imponderabilidades encontradas durante o trato com os materiais *in situ*<sup>27</sup> - estivessem estes distribuídos em prateleiras – caixas ou fichários tentou-se seguir o mais próximo possível da forma de organização previamente estabelecida. Compreende-se que os objetos (arquivos) pessoais dispostos no acervo fazem parte de uma ‘curadoria pessoal’ tendo passado por escolhas, e reunidos em função de experiências (CUNHA, 2007). Dessa forma, percebeu-se uma classificação que contemplava uma grande quantidade e variedade documental, a segmentação por etnias<sup>28</sup>.

Dentro da categoria de classificação étnica, optou-se por verificar as obras publicadas a partir dos trabalhos com cada grupo. Para os fins deste trabalho, dentre seus quatro livros publicados, foi selecionada a obra “Os Tenetehara-Guajajara e a Sociedade Nacional: Flexibilidade Cultural e Persistência Étnica”(Fig. 15), de 1994. Este livro representa uma ligação com dois antropólogos que possuem trabalhos de grande influência na região norte, Charles Wagley<sup>29</sup> e Eduardo

---

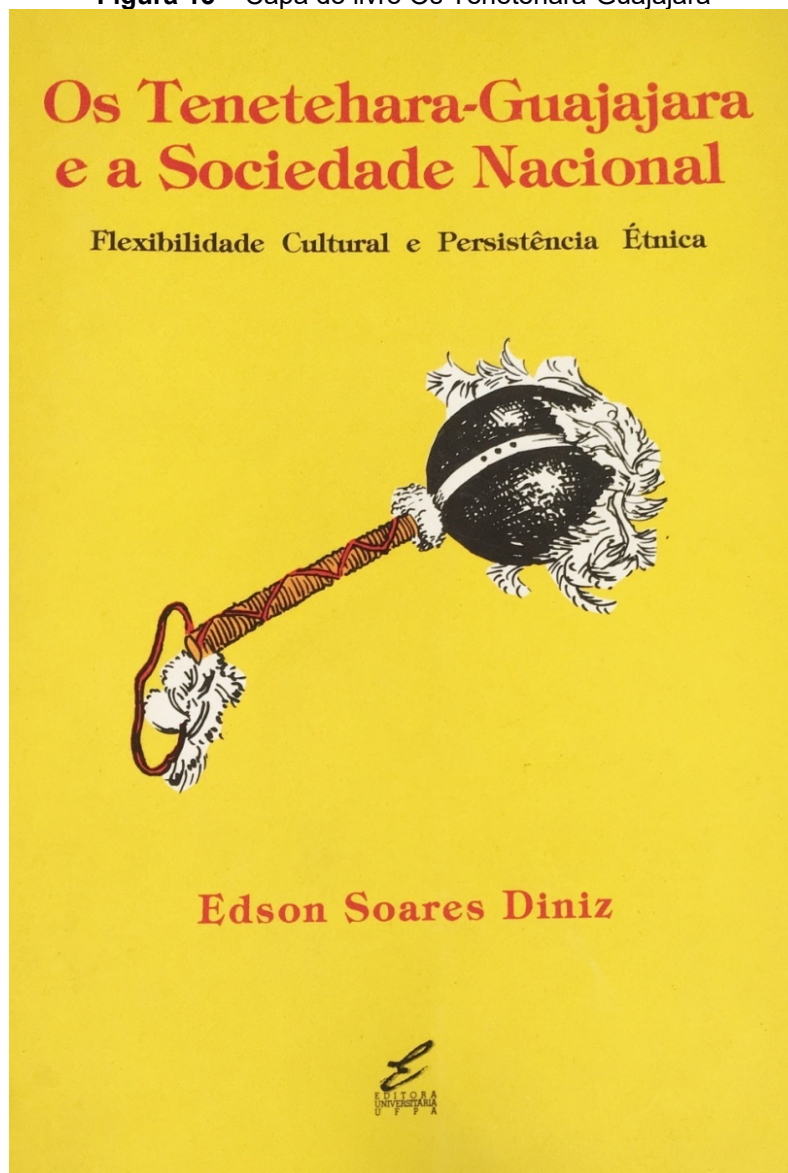
27 Observa-se aqui que o processo de musealização pode ocorrer *in situ* ou *ex ceto*, não implicando necessariamente na remoção do objeto-documento de um local para outro.

28 Um dos critérios de divisão identificados foi o agrupamento por pastas, separadas por grupos indígenas estudados.

29 Antropólogo norte-americano que se tornou o principal brasilianista de seu tempo, pioneiro no estudo etnográfico dos povos indígenas e camponeses da Amazônia e do Nordeste [...] onde fez contribuições importantes para os estudos demográficos e de parentesco entre os grupos de língua tupi (PACE, 2014)

Galvão<sup>30</sup>, os quais possuíam trabalhos prévios com o grupo, bem como eram amigos pessoais com grande influência na formação de Edson.

**Figura 15** – Capa do livro Os Tenetehara-Guajajara



Este livro foi desenvolvido a partir do relatório de pesquisa elaborado por meu avô, onde se propõe a dar continuidade ao estudo de Charles Wagley e Eduardo Galvão, na década de 40, publicado em 1949 pela *Colúmbia University Press*, de *New York*, e em 1955 pelo Ministério da Educação e Cultura, do Rio de Janeiro. Fonte: Arquivo pessoal.

Este livro e seus derivados (artigos, apresentações em seminários,

30

Foi o primeiro antropólogo brasileiro a obter o PhD pela Universidade de Columbia, dentre suas pesquisas estava o grupo Tenetehara do Maranhão. Teve como orientador Charles Wagley. Em sua estadia pelo Pará trabalhou como servidor do antigo SPI, do MPEG e atuou também como professor de Etnologia do Brasil na UFPA, durante a década de 1950 (SCAFF, 1976).

Foi o primeiro antropólogo brasileiro a obter o PhD pela Universidade de Columbia, dentre suas pesquisas estava o grupo Tenetehara do Maranhão. Teve como orientador Charles Wagley. Em sua estadia pelo Pará trabalhou como servidor do antigo SPI, do MPEG e atuou também como professor de Etnologia do Brasil na UFPA, durante a década de 1950 (SCAFF, 1976).

reportagens, e fontes de pesquisa) serviram como uma ponte entre os documentos encontrados, bem como relatos – mesmo que em forma de dados de pesquisa e – sobre os sujeitos envolvidos, fossem os indivíduos pesquisados, fosse o pesquisador.

Ao me deparar com a leitura do livro, e o a quantidade de documentos que se encontravam nas pastas com etiquetas “Tenetehara-Guajajara”, minha primeira impressão foi de lidar com um grande volume e pastas, carregadas de páginas e páginas contendo informações técnicas descritivas como diários de campo, relatórios de pesquisa e notas sobre “postos indígenas” visitados. Deparei-me inclusive com um arquivo de mais de quinhentas páginas, contendo descrições densas sobre a economia de uma população (que acredito serem dos Tenetehara, devido ter o nome do grupo na pasta). Deparar-me com esse contingente de informações brutas – para mim até então – foi uma surpresa, pois levantavam dúvidas sobre o que destacar? Por onde começar? Como tanto informação pode ser compilada em um livro com pouco mais de sessenta páginas?

A partir da leitura dinâmica e busca por documentos representativos do acervo, que pudessem ser manuseados sem dificuldades e fotografados, foram surgindo respostas para as minhas inquietações. Como não dispunha de tempo suficiente para realizar uma leitura mais precisa sobre cada documento destes, mesmo tendo feito a escolha de limitar meu estudo a esta porção do acervo, tive de fazer outras mais escolhas. Quando parti para as pastas já havia lido e destacados trechos sobre o livro. As leituras iniciais ainda eram nebulosas, porém ao folhear de algumas páginas – por vezes recortes de caderno – os escritos me permitiram ir compreendendo, em parte, a forma de embricamento que meu avô realizara entre organização e conteúdo. Com o livro dos Tenetehara em mãos, e meu plano de trabalho, o que se apresentava como um quebra-cabeça de papéis frágeis foi se tornando uma trama de informações.

Alguns documentos começavam a se destacar falavam por si, e conversavam com outros. Pensar em uma ordem, em especial, cronológica, como havia imaginado ser uma via de regra, foi se tornando algo secundário, pois percebi que para as circunstâncias dadas ao estudo qualitativo baseado nas referências a que tive acesso, me permitira extrair algumas informações; enquanto que se eu me mantivesse em uma busca por leituras técnicas e quantitativas, não terminaria o mínimo do que me propus, a tempo.

Enquanto fazia minhas leituras, logo pude compreender os cortes feitos por meu avô para a versão final, publicada de seu livro. Neste trabalho, desde sua introdução, deixa claro seu objetivo de avaliar as relações intersocietárias, culturais e econômicas de um grupo autóctone em a sociedade dita civilizada; diagnosticando transformações e persistências ocorridas no prolongamento desse processo de interação étnica. Em linhas gerais trago algumas passagens do livro onde meu avô sintetiza suas observações a respeito do que se propôs na referida publicação:

É verdade que os Tenetehara-Guajajara, como um todo, não apresentam mudança fundamental de sua organização econômico-social desde 1945, apesar de terem sido removidas muitas barreiras para a modernização da área que habitam. [...] Em consequência de viverem rodeados de sítios, de fazendas, de povoados, de vila e de cidades, resulta um natural processo de interação e de dependência em relação à sociedade envolvente. [...] Não há como negar o processo de integração à sociedade brasileira, em especial à sua co-cultura. Essa persistência é resultante de uma série de fatores, tais como: a vida em reserva, a luta pela terra em que vivem, o sentimento de constituir um povo diferente dos demais e a flexibilidade cultural demonstrada no embate interétnico (DINIZ, 1994, pp. 66-67).

Neste trecho destacado, pondero alguns elementos que se fazem relevantes para compreender a linha teórica do trabalho de meu avô, bem como demais pesquisadores que lhe influenciaram, ou orientaram. As palavras: mudança, interação e persistência; retomam não só o título do livro em questão, contudo essas temáticas atravessam grande parte de seus trabalhos, devido suas referências e experiências durante sua formação. Após a leitura de algumas cartas, e títulos de seminários apresentados por meu avô, disciplinas ministradas entre outros, em seu currículo, pude perceber duas importantes figuras que contribuíram para sua formação: Roberto Cardoso de Oliveira, como professor no curso de pós-graduação em antropologia social, e orientador na tese de doutorado de meu avô; e Eduardo Enéas Gustavo Galvão, que além de se mostrar um amigo presente, foi um mestre de grande influência nas pesquisas de Edson.

As contribuições teóricas desses dois pesquisadores, nas obras de meu avô, deram-se da seguinte forma: além de seu papel relevante, principalmente, como coordenador de grupos de pesquisa, onde proporcionava aos seus alunos estudos práticos de grupos étnicos, concomitante aos seus próprios, Roberto Cardoso auxiliou na formação grupos de pesquisa e articulação de vários

pesquisadores dentre nomes com Roberto Damatta, Roque Laraia, Eduardo Galvão, Lévi-Strauss, Darcy Ribeiro entre outros. Sua contribuição teórica para meu avô, e para demais etnólogos da época deu-se com o desenvolvimento do conceito de ‘fricção interétnica’, com o qual ficou mais conhecido. Este seu conceito era uma reflexão que ia de encontro ao processo de aculturação, em especial de culturas tradicionais frente ao contato com grupos sociais da sociedade brasileira moderna, passando a caracterizar-se como uma ‘situação de fricção interétnica’. (FAULHABER, 1999; LARAIA, 2008;).

Sobre Eduardo Galvão suas influências vêm desde sua formação, sendo resultado de um acordo informal que o Museu Nacional manteve com a Universidade de Columbia. Resultando, na época, a vinda de cinco antropólogos para o Brasil, com o intuito de realizar pesquisas de campo, a partir do suporte institucional do Museu: Jules Henry, Buell Quain, Ruth Landes, William Lipkind e Charles Wagley. A partir daí os caminhos de Galvão, Wagley e Edson, já começavam a ser delineados. Eduardo Galvão trabalhou no Museu Paraense Emílio Goeldi (1955), onde conheceu meu avô. Seus trabalhos seguiam a linha teórica da antropologia cultural, e suas pesquisas voltavam-se para o indigenismo brasileiro, com destaque para o estado do Maranhão, onde se localizam os Tenetehara-Guajajara (SCAFF, 1979).

Apresentar uma fração de informações sobre estes estudiosos têm como intuito reforçar os entrelaces de pensamentos e experiências de vida, que cada um desses sujeitos passou, carregaram consigo, compartilharam; quando vistos sobre a ótica da memória seus pensamentos estendem-se em lembranças, publicações e até em coleções de terceiros – como o presente trabalho. A cada descrição, a cada pesquisa envolvendo uma relação afetiva ou profissional revela uma faceta tanto da vida de meu avô, quanto de seus conhecidos; iluminando assim a leitura de seus documentos, permitindo-nos comunicarmos com histórias de sujeitos ausentes. “[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 2012, p. 71).

Levando em consideração que o tema da memória é transversal em diversos campos, e segmentos do cotidiano, nota-se que mesmo um etnólogo como Edson não fugia à prática de se salvar, ainda que não intencionalmente.

Dessa forma, afirma-se que para além de fotografias e linhas do tempo; boletins, diários, cartas, etc. eram, também, formas de se arquivar. Esse conjunto de bens aproximava-se do sentido geral do que se entende como patrimônios pessoais (CUNHA, 2007).

Partindo da perspectiva de que independente de sua composição, os objetos cabíveis de serem considerados patrimônios<sup>31</sup> e com potencial para serem expostos são portadores de informação, cada objeto encontrado dentro deste acervo, carrega uma ou mais biografia(s) – mesmo que de um momento, de mais de um sujeito. Cada conteúdo registrado seja no suporte físico ou mental torna objeto-documento singular, com agência, autônomo e coletivo. Pois mesmo que cada documento deste tenha composto uma publicação, reagrupados podem compor outros demais trabalhos de diferentes significados: releituras sobre segmentos de suas pesquisas, exposições de documentos emblemáticos de seu arquivo, trabalhos de conservação, história, documentação, entre outros (MENESES, 1997; MENSCH, 1992; MILLER, 2013).

Por exemplo, o seguinte recorte de reportagem (fig. 16), sua preservação, utilidades primárias e secundárias renovaram-se no momento em que meu avô fez o deslocamento dessas informações para uso próprio, e são refeitas – novamente – aqui neste trabalho. Contudo, algo em comum, esta e outras reportagens destacadas por meu avô vêm demonstrar. Uma condição conflituosa, e violenta, entre ambas as partes, nativos e demais moradores das localidades próximas. Em matéria veiculada no jornal ‘O estado de São Paulo’, em 1979, tinha o seguinte título: “Três Índios mortos por posseiros”. O teor dessa matéria tratava sobre nativos do estado Maranhão, da etnia Tenetehara.

Apresenta-se o título dessa matéria e o conteúdo da matéria seguinte, em forma de imagem, para ilustrar parte do panorama em que se encontravam indivíduos que estavam em situação de risco, por perdas materiais e simbólicas, desde estes momentos históricos. E perceber que a violência chegou ao ponto de ser uma alternativa de resposta mútua, por parte de alguns sujeitos, propõe-nos a refletir, os tipos de situações que o trabalho de campo pode nos trazer, com suas realidades. E pensar no papel dos sujeitos envolvidos, e as instituições

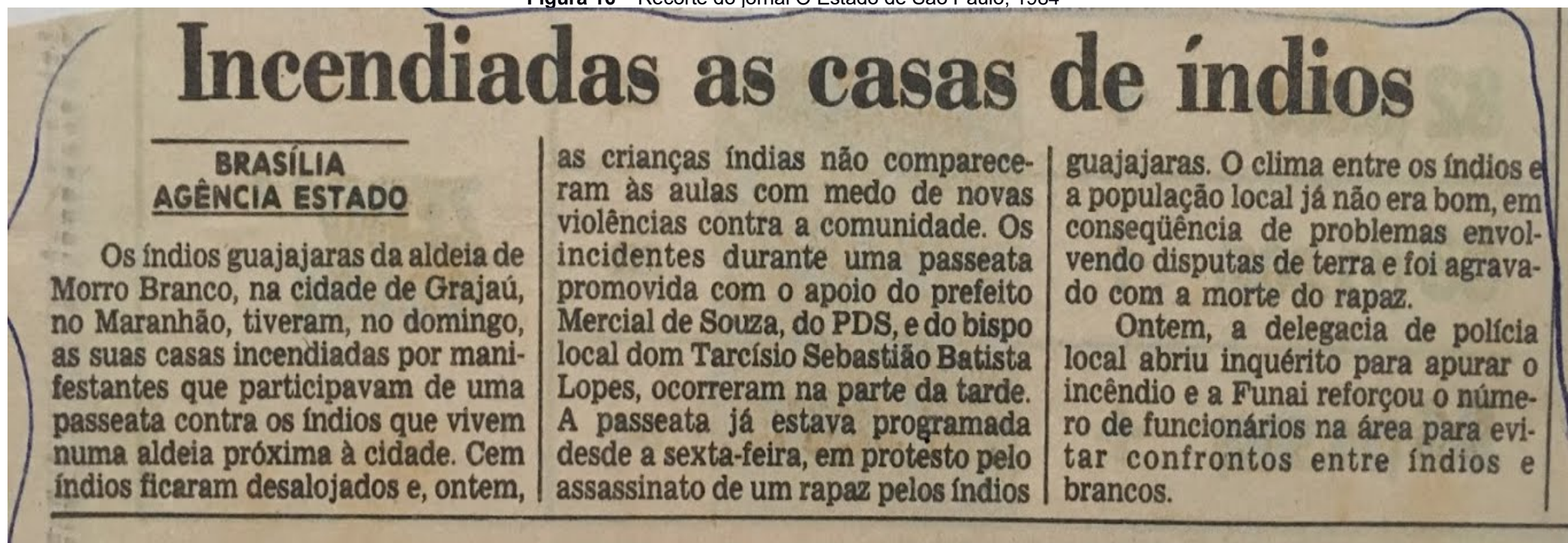
---

31

A Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências, institucionaliza tais arquivos como patrimônios integrantes da identidade nacional brasileira. Deste modo, até o início do ano de 2010, vários arquivos privados foram considerados de interesse público para a memória da nação brasileira (CAMARGO, MOLINA. 2010)

responsáveis, fosse no passado, seja no presente.

Figura 16 – Recorte do jornal O Estado de São Paulo, 1984



Esta imagem de um dos recortes referente às pastas com documentos sobre os Tenetehara-Guajajara, retrata um dos tipos de violência direta entre os nativos e os demais moradores locais, que habitavam próximos aos “postos indígenas” no estado do Maranhão, durante o período da pesquisa de meu avô, asta e outras reportagens mostram que a palavra ‘fricção’ seria um eufemismo, em oposição a permanências conflituosas, onde embates socioeconômicos e ausência das autoridades tinham consequências sobre a vida dessas pessoas.

E foi a partir desta agência dos documentos encontrados que uma informação ligava-se a vários outros elementos dentro e fora do acervo. Assim chegou-se a conhecer o trabalho mais recente sobre estes sujeitos, foi realizado pelo pesquisador alemão Peter Schröder (2002), em sua publicação feita no site do Instituto Socioambiental<sup>32</sup>. Dessa forma pretendeu-se fazer uma análise descritiva das informações obtidas, tanto no acervo, quanto por esta referência mais atual encontrada através de conteúdos acessados na internet.

Sobre o grupo Tenetehara, sua nomenclatura é tida como um termo geral para abranger os Guajajara do estado do Maranhão e aos Tembé do Pará. Falantes da língua Tupi-Guarani podem ser considerados bilíngues, devido saberem comunicar-se também em português. Embora o conhecimento sobre o povo Tenetehara date desde o século XVII, o marco das pesquisas sobre esta população teve início com os trabalhos de Charles Wagley e Eduardo Galvão, durante a década de 1940. Com uma pesquisa mais holística, os pesquisadores se detiveram no processo de aculturação deste povo, através de considerações descritivas. Ao longo da década de 1970, Mércio Gomes, em sua tese de doutorado, defendida na Universidade da Flórida, 1977; elaborou um estudo dialético de tradição marxista. Este autor considera as distintas formações sociais entre os camponeses e os nativos, delineando os aspectos econômicos como forma de resistência étnica (DINIZ, 1994).

Já ao final da década de 1970 inícios da década de 1980, as pesquisas sobre estes grupos étnicos concentram-se nas produções de Edson Diniz – além da publicação de seu livro sobre essa população – destacam-se seus artigos, um destes elaborados com participação de Lais Cardia<sup>33</sup> (1977). Durante o período de sua pesquisa, Edson teve como propostas atualizar alguns dados obtidos pelos primeiros etnólogos, e verificar como se encontrava a relação entre os ocupantes das terras, também as interações socioculturais ocorridas nesse processo. Em suas publicações, são possíveis de se ver heredogramas das famílias entrevistadas, em cada Reserva da época; o registro de algumas terminologias e rituais de parentesco. Aqueles indivíduos por eles visitados viviam juntos aos postos Pindaré, Guajajara e

32 Cf. Guajajara. Povos Indígenas do Brasil. Instituto Socioambiental, São Paulo. Disponível em: [pib.socioambiental.org/pt/povo/guajajara](http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guajajara).

33 Na época da pesquisa sobre os Tenetehara, Lais Maretti Cardia fora assistente de meu avô, alguns dos diários de campo encontrados levam sua autoria. E divide a autoria, com meu avô, de um dos artigos encontrados na internet.

Bacurizinho. Suas reservas estavam localizadas, respectivamente, nos municípios de Bom Jardim (rio Pindaré), Barra da Corda e Grajaú (rio Mearim) (CARDIA; DINIZ, 1977; SCHRÖDER, 2002).

Contatou-se que os tidos 'não índios' descritos nos textos, diziam respeito aos 'civilizados', vizinhos das reservas, funcionários dos postos e seus familiares, ocasionais visitantes e moradores das sedes dos municípios onde residiam (CARDIA; DINIZ, 1977). Os autores destacam que o ponto de destaque no processo de integração econômico-social dos Tenetehara-Guajajara à sociedade em seu entorno eram as trocas culturais e materiais. Um processo de ganhos e perdas ambivalentes, fator de grande alteração na configuração do sistema social do grupo (*Ibid.*).

Peter Schröder (2002) em seu levantamento historiográfico sobre as fontes que trabalharam temas, ou diretamente com os Tenetehara, destaca as seguintes obras que datam da década de noventa aos anos dois mil:

O livro *O filho de Maíra* (1997), de Carlo Ubbiali, do CIMI-MA, é uma apresentação subjetiva e muito política da cultura guajajara por meio de uma abordagem biográfica, descrevendo principalmente a vida de uma liderança. A monografia mais recente é a dissertação de mestrado de Cláudio Zannoni, defendida na Uesp de Araraquara e publicada em 1999 com o título *Conflito e coesão: o dinamismo tenetehara*. Nela, Zannoni dá enfoque na mitologia e nos rituais para entender melhor o dinamismo da sociedade guajajara face aos conflitos com os brancos. Espera-se em breve o lançamento da tese de doutorado de Elisabeth Coelho, da UFMA, defendida em 1999 na UFC e que trata do conflito de São Pedro dos Cacetes. Em 2002, foi lançado um livro sobre a história do conflito entre os Guajajara da TI Cana Brava e a população do extinto povoado de São Pedro dos Cacetes e seus aliados: *Territórios em confronto: a dinâmica da disputa pela terra entre índios e brancos no Maranhão*, de Elisabeth Maria Beserra Coelho (SCHRÖDER, 2002, p.13).

Seguindo essa cronologia de publicações descrita por Peter Schröder (2002), somada as observações e levantamentos feitos por Edson (1994), pôde-se perceber que a trajetória deste povo tem sido perpassada por diversos conflitos de permanência territorial e cultural, e seguida por uma continuidade de pesquisas com diferença de apenas uma década entre si – em sua maioria – o que permite uma sensação de acompanhamento das informações, de forma mais atualizada. E é aqui, novamente, que parte da história de um povo, uma cervo pessoal, e os trabalhos que indiretamente (ou diretamente) relacionados encontram-se

convergindo para o que há de mais contemporâneo nas ampliações do campo museológico: o meio extrainstitucional, conferindo uma maior dinâmica tanto à teoria quanto à prática; e a contínua relação de “metamorfose do objeto”, desde seu contexto primário ao seu uso recorrente (ARAÚJO, 2014).

Neste trecho do trabalho foi possível observar como documentos escritos, sejam livros, artigos, e publicações digitais; carregam informações para além do que seus suportes ou suas ferramentas de registro podem gravar. Dessa forma, em vista de sugerir uma forma de registro, com base nos documentos sobre Tenetehara, que tive contato na coleção, apresentarei a seguir sugestões de documentação e possíveis comunicações desses arquivos.

#### 4.1 A DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DO ACERVO PESSOAL EDSON DINIZ

Para esta parte do texto remontam-se algumas das discussões sobre o objeto museológico. Nota-se que a intenção de se tratar o presente acervo pessoal de meu avô, como prova ou evidência de algo é passível de extração de informações relevantes para determinados grupos ou uma sociedade; assim constitui uma etapa fundamental do processo de musealização, que é a seleção. No momento em que procedemos a uma seleção (por exemplo os documentos referentes a uma das tribos pesquisadas por Edson), excluem-se uma série de outros objetos que permanecerão com seu potencial informativo em estado latente. Podemos dizer então que a intencionalidade é um critério para que um objeto venha a ser documento ou museália.

A partir da carga informativa dos objetos musealizados, cabe à documentação de acervo museológico, como prática museográfica voltada à preservação, desenvolver e utilizar instrumentos que potencializem e aperfeiçoem o acesso às informações contidas em cada peça que compõem as coleções. O objeto museológico, cada vez que é ser incorporado a uma coleção, possui uma continuidade na formação de sua trajetória e, por consequência, inicia uma nova história que também deve ser documentada (PADILHA, 2014).

Nas inúmeras pastas que compõem o acervo é possível verificar como, ao longo do tempo, diferentes formas de registro dos fatos da rotina de campo, fatores exteriores e temporais evidenciam como a coleção sofreu interferências que não só os conteúdos em seus conteúdos, mas também em sua a distribuição, as metodologias de registro eram alternadas. Os suportes e

ferramentas de escrita eram modificados. Dependendo do documento, alguns mais antigos são detalhados, datilografados, já os escritos à mão são objetivos; os cadernos parecem ter grafias apressadas, já os heredogramas e contagem populacional obedecem a um padrão de caligrafia mais cauteloso, sugerindo talvez, que tivessem sido escrito pós-campo.

Os documentos referentes aos Tenetehara somam o total de 693, contabilizados sem levar em consideração seus desmembramentos, no seguinte quadro apresenta-se a divisão por tipo e quantidade de documentos encontrados:

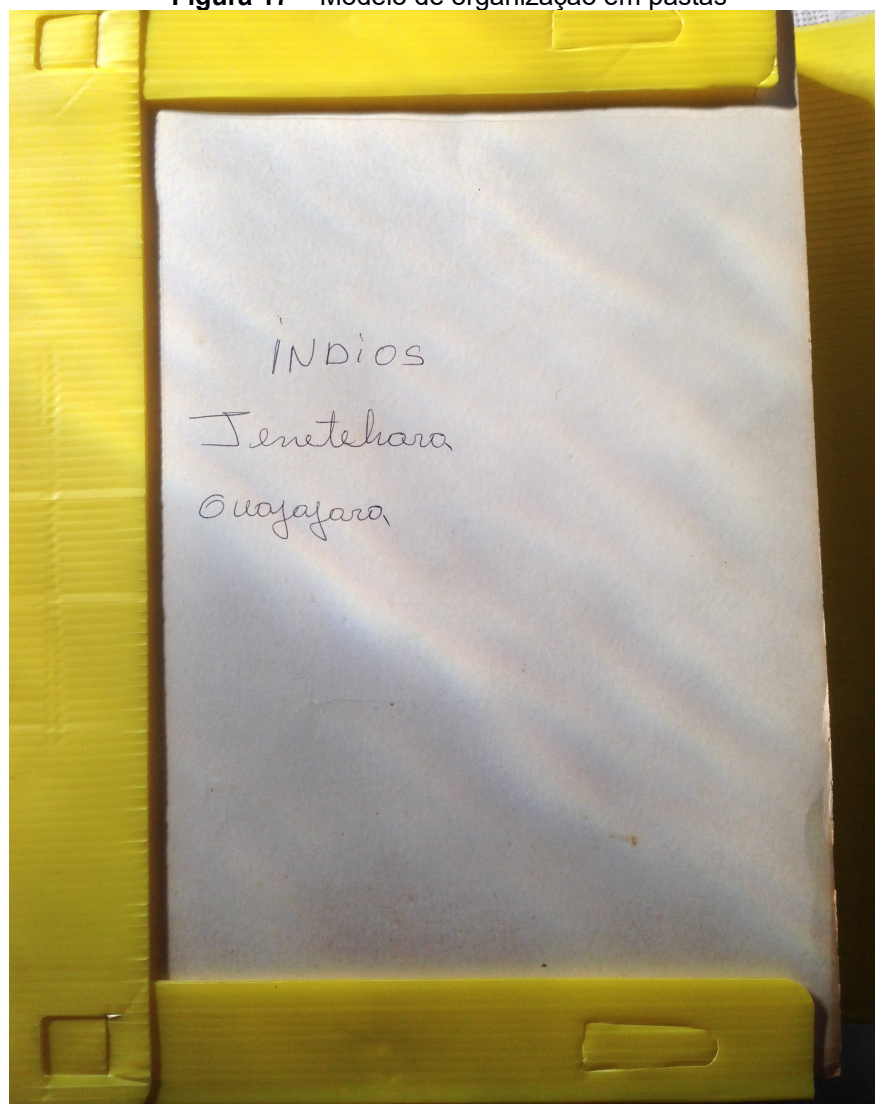
**Quadro 1**

<b>TIPOS DE DOCUMENTOS</b>	<b>QUANTIDADES</b>
Recortes de jornal (reportagens sobre o grupo tenetehara)	44
Material teórico e referências (Boletins de museus e artigos)	32
Correspondências sobre o livro a respeito dos Tenetehara, e sobre o evento de lançamento deste livro (cartas, convites e telegramas)	16
Relatórios, ofícios e memorandos (descrição de atividades desenvolvidas nos agrupamentos, situação dos postos indígenas, descrição populacional e familiar local)	109
Publicações de autoria de Edson encontradas nas pastas	3
Análises, dados colhidos e tabelas	242
Eredogramas e cartografias	211
Diários de campo	20
Documentos FUNAI	16
<b>Total</b>	<b>693</b>

Os tipos de documentos foram nomeados utilizando as primeiras informações que constavam escritas, ou que pudessem identificar um conjunto de arquivos previamente agrupados por meu avô devido sua natureza semelhante. Por exemplo: os 'recortes de jornal' agrupam diferentes matérias sobre os Tenetehara, em diferentes décadas; os 'materiais teóricos' assim foram nomeados por englobarem produções acadêmicas a respeito dos

grupos étnicos, ou da região onde se localizavam; os 'relatórios e memorandos' eram rapidamente identificados nas primeiras linhas dos documentos, pois estavam assim descritos, seguidos de um cabeçalho padrão; 'análises, dados colhidos e tabelas' receberam essa nomenclatura devido seus conteúdos, pois cada tabela feita a mão era seguida de descrições sobre os dados que continham e suas legendas; os 'heredogramas e cartografias' foram encontrados organizados juntos, em sua grande maioria, pois alguns poucos heredogramas estavam associados às páginas de tabelas e análises. Os demais arquivos estavam bem claros em sua distribuição, separados por pastas menores dentro das demais pastas, como demonstrado na fig. 17:

**Figura 17** – Modelo de organização em pastas



Este é um dos modelos de pastas previamente identificadas, encontradas no acervo, nem todo agrupamento de arquivos foi encontrado dessa forma, porém ao realizar uma breve leitura de seus documentos, e encontrar similitudes era possível identificar os demais. Fonte: Arquivo pessoal.

Em seguida a esta contagem onde a maior quantidade encontrada foram de dados brutos e anotações, e a menor quantidade deu-se entre as publicações guardadas nestas patas, seus diários de campo. Fiz uma nova seleção em busca de elaborar e sugerir uma forma de organização dos dados de cada documento. Essa nova seleção deu-se com as produções sobre os Tenetehara, feitas por meu avô, encontradas no acervo e na internet, e alguns de seus diários de campo.

Logo, a partir das contribuições dos autores estudados, elaborou-se uma ficha de inventário (fig.18), elencando metadados mínimos que contemplassem algumas das especificidades do acervo de bibliográfico, levando-se em conta suas características informacionais intrínsecas (descrições físicas) e extrínsecas (aspectos históricos e simbólicos)(PADILHA, 2014).

Figura 18 – Proposta de Inventariação da Coleção Edson Diniz

COLEÇÃO EDSON DINIZ								
Nº	AUTOR/ ORGANIZADOR	TÍTULO	ANO	TIPO DE SUPORTE	FORMA DE REGISTRO	Descrição	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	OBSERVAÇÃO
CED.1.01	EDSON DINIZ	DIÁRIO DE CAMPO ARARIBÁ "Araribá 01"	1972	CADERNO PEQUENO DE ESPIRAL	MANUSCRITO	DIÁRIO DE CAMPO CONTENDO ANOTAÇÕES DO DIA 05/07/72 AO DIA 05/03/73	BOM	AS FOLHAS NO FINAL DO CADERNO POSSUEM DE PARENTESCOS E CONTAGEM DE INDIVÍDUOS.
CED.1.02	LAIS CARDIA	DIÁRIO DE CAMPO "1 óculos p/ o Ribeiro"	1973	CADERNO PEQUENO DE ESPIRAL	MANUSCRITO	DIÁRIO DE CAMPO CONTENDO ANOTAÇÕES DO DIA 01/09/73 AO DIA 08/09/73	REGULAR	CADERNO POSSUI O REGISTRO DO NOME "LAÍS", NA CAPA. INDICANDO NÃO TER SIDO ESCRITO POR EDSON, MAS SIM POR SUA ASSISTENTE
CED.1.03	EDSON DINIZ	DIÁRIO DE CAMPO ARARIBÁ "Araribá 02"	1973	CADERNO PEQUENO DE ESPIRAL	MANUSCRITO	DIÁRIO DE CAMPO CONTENDO ANOTAÇÕES DO DIA 06/03/73 AO DIA 22/04/73	REGULAR	CADERNO POSSUI ANOTAÇÕES SOBRE GRUPOS FAMILIARES E SEUS PARENTESCOS.
CED.1.04	EDSON DINIZ E LAIS CARDIA	A SITUAÇÃO ATUAL DOS ÍNDIOS TENETEHARA	1978	DOCUMENTO IMPRESSO	DIGITADO	COMUNICAÇÃO APRESENTADA DURANTE A 30ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC), REALIZADA EM JULHO DE 1978, NO CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.	EXCELENTE	ESTA PESQUISA FOI BASEADA EM UM TRABALHO DE CAMPO REALISADO ENTRE OS MESES DE JANEIRO E

A presente tabela é composta pelos seguintes campos, da esquerda para a direita: número; autor organizador; título; ano; tipo de suporte forma de registro; descrição; estado de conservação; observação. Fonte: Arquivo pessoal

Apesar de ter feito uma seleção de campos da forma mais lacônica possível, segui padrões sugeridos por Padilha (2014), para não perder de vista padrões básicos de acesso à informação seguindo modelos museográficos. E em vista de uma normalização de descrição arquivística dos documentos, adotou-se a norma NOBRADE (Norma Brasileira de Descrição) visando estabelecer um padrão também de caráter arquivístico (devido a natureza do acervo).

Primeiramente tendo consciência que um dos elementos primordiais para a documentação de uma coleção é sua identificação, por esse motivo a nomenclatura “Coleção Edson Diniz” foi utilizada. Já em relação aos documentos, optou-se pelo uso de ‘números de registro ou códigos de referência’, sendo esse uma referência alfanumérica de identificação individual de cada material. As siglas ‘CED’ representam as iniciais da coleção, separado por um ponto<sup>34</sup>, apresentando o nome. Após o primeiro ponto tem-se o campo ‘.1xx’, esses seria uma seção – recorte étnico – o que nesse caso seria o grupo Tenetehara-Guajajara. E o terceiro ponto, com uma numeração corrida ‘.xx1’ representaria a série, uma contagem seguida da quantidade de documentos presentes dentro dos critérios anteriores.

O campo da ‘autoria’ foi preenchido de acordo com alguma identificação indicativa do sujeito que produziu o documento. Como alguns dos documentos utilizados foram os diários de campo, reconhecer os autores, por vezes foi uma tarefa interpretativa e comparativa, pois quando não iniciavam com alguma anotação de identificação, tive de recorrer à forma as caligrafias e compará-las com cadernos já identificados; as autorias dos diários oscilavam apenas entre meu avô, e sua assistente (na época) Lais Cardia. O campo de ‘título’ foi preenchido de forma similar ao da autoria, utilizar título prévio no item, caso não houvesse, é atribuído de acordo com as informações vistas de imediato escritas. O ano serve para informar a temporalidade do documento, foi localizado sem maiores dificuldades nos materiais vistos.

Sobre o ‘suporte’ é registrado o tipo de material utilizado (vidro, papel, acetato; ou digitalizado como documentos do Word Office, PDF, etc.), no caso desse acervo sua grande maioria é composta por suportes de papel.

---

34

Os segmentos do número de registro criado obedecem uma separação por pontos, cada pontuação introduz um campo com significado próprio.

O mesmo acontece com a ‘forma de registro’ (datilografado, escrito a mão, digitalizado), como se tratam – em sua grande maioria – de anotações em suportes bidimensionais, os registros feitos à mão são os mais presentes. ‘Descrição’, breve descrição sobre o que consta escrito no documento. O ‘estado de conservação’ varia entre ruim, bom, regular e excelente; esses critérios são utilizados para qualificar a condição dos suportes, seu manuseio e leitura de seus conteúdos. Na ‘observação’, foi separado este campo para a anotação de dados excedentes que não foram contemplados em outros campos.

Como é de praxis para a museologia sob a ótica das ciências da informação, realizar o mínimo para manutenção das informações e seu compartilhamento se faz necessário. Para Bellotto (2007) a qualidade arquivística pode ser percebida na precisão dos instrumentos de pesquisa elaborados por um profissional, na medida em que seu trabalho atende às expectativas dos interessados no arquivo (coleção, ou acervo).

De fato, a questão de possibilitar o acesso tanto ao acervo, quanto aos seus conteúdos tornou-se uma preocupação pertinente, desde que alguns elementos foram se relevando, e foram sendo postos sob a perspectiva do processo de musealização. Para isto, conforme surgiam impasses durante diálogos com meu tio (o dono do apartamento onde o acervo se localiza), e a possibilidade de uma guarda temporária do material junto ao curso de Museologia da UFPA; devido meu contato com o corpo técnico, conhecimento e confiança no trabalho de documentação e conservação adquiridos nos quatro anos da graduação em Museologia, ainda assim este será um processo gradativo. Pois o respeito pela memória do material de meu avô, e sua vontade em vida, quanto o respeito pela memória afetiva de meus parentes sobre este acervo demandaram outros esforços, que no momento ainda mostram-se como projeções e limitações para meu tempo, e trabalho unitário.

Todavia, mesmo diante das ambiguidades dos “documentos-objetos” pessoais, que demanda por uma socialização pública, e quem sabe expositiva. Há um desejo comum entre mim, meus familiares, e meus professores: o compartilhamento dessas informações. E o caminho mais próximo e seguro para o mesmo, que venho propor ao final deste trabalho é a sua digitalização. Claro, a partir de técnicas de documentação adequadas e mais completas, do

que as que pude indicar o caminho nestas breves linhas, um bom e conjunto trabalho de salvaguarda pode garantir uma transmissão de documentos digitalizados, adequada para sua comunicação na internet, por uma plataforma de site adequada.

A trama de informações que foi destacada aqui neste último capítulo estendia-se antes mesmo de seu destaque, e se compreende quantos mais diálogos podem provir de seus fios de memória e informações. Ao mesmo tempo, tentar inventariar os documentos mantidos neste arquivo pessoal foi possível refletir sobre outros significados dos objetos-documento guardados como ponto de partida para reinventar outros presentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se com esse trabalho, não apenas apresentar parte de uma memória pessoal, na qual compartilho passagens, me apoderei de trechos, e reinventei minhas próprias; mas também cumprir com meu compromisso como bolsista e aluno do curso de museologia, onde busquei problematizar algo de minha realidade. Esforcei-me no exercício de estranhamento colocando em perspectiva as aprendizagens ao longo do curso, e buscando trazer reflexões que possam dialogar, e contribuir para discussões dentro de um panorama de estudos museológicos sobre acervos particulares. No percurso desse trabalho foi possível aprender mais sobre a documentação museológica, e como esta se comporta dentro do campo das ciências da informação. Deparar-me com um volume de materiais maior do que o esperado readaptar minhas abordagens, e rever leituras dias antes dos prazos propostos.

A Coleção Edson Diniz, hoje pode parecer uma ideia, contudo procurei mostrar com o auxílio da transversalidade que as categorias patrimônio, memória e arquivo, me permitiram, para assim demonstrar o potencial de relevância que esses materiais terão com as ações de musealização. A partir da imersão nesses documentos foi possível constatar premissas das quais tive oportunidade de observar em trabalhos de estudiosos dos objetos, de como os pertences de um indivíduo constroem perfis da pessoa, quanto são delineados por seus portadores/usuários.

Apesar do enfoque em uma única narrativa, composta por etapas divididas nos capítulos aqui propostos, compreendeu-se que as narrativas presentes, e ausentes pediam por ter voz, para que não caíssem também no esquecimento. Acredito que assim tenha sido com o grupo Tenehera, que aqui possa representar as diversas sociedades autóctones nativas do país, às quais – até hoje – passam por situações de conflito, frente uma sociedade que divide o mesmo território nacional, parecendo serem os ‘outros’ em um ambiente que deveria ser de ‘todos’.

Entendo que ao remontar a trajetória por meio de recortes memorativos, algumas lembranças ficam em segundo plano, talvez esquecidas, alteradas, enquanto outras recebem destaque, são revisitadas, por este motivo destaca-se meu lugar de fala, e minhas escolhas combinadas às escolhas previamente feitas

por meu avô nesse processo. Atento que o sujeito da rememoração, pode assumir posições variáveis, por vezes, como espectador, que narra o que viu, em oposição ao protagonista das experiências descritas. Esse “testemunho”, essa visualização não precisa ser necessariamente entre sujeitos diferentes, mas podem ser versões de nossas próprias perspectivas em momentos diferentes, e cada retorno à memória recria o passado com o que nos resta no presente.

Já o que tange a Documentação Museológica, destaca-se como uma área do conhecimento (em especial da Ciência da Informação) que possui grandes contribuições teóricas e práticas para a reflexão o que é – e como – documentar acervos dentro e fora de museus. Por exemplo, sua noção de documento enquanto algo que deve ser atribuído, processado e apropriado como tal, equiparando-o ao que se compreende como objeto de museus. Sendo assim, a percepção das duas noções – documento e objeto – consequentemente suas atribuições moldam-se em um mesmo elemento polissêmico. Em outras palavras, acredita-se que um documento pode apresentar uma faceta material, da mesma forma que pode ser informativo, administrativo, privado, afetivo, etc.

Por fim, compreendo que as informações aqui apresentadas, fossem sobre os Tenetehara-Guajajara, fosse sobre meu avô ainda são tímidas próximas do trabalho que Edson e outros pesquisadores realizaram anteriormente. Contudo esse trabalho tem a intenção de ser uma fagulha que possa acender a chama de estudos posteriores. Acrescento que meu próprio avô me ensinou que o conhecimento é algo incompleto que deve ser compartilhado, para que novas partes lhe sejam agregadas.

## REFERÊNCIAS

*A Criação* – CNPq. Disponível em: < <http://www.cnpq.br/web/guest/a-criacao>>.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível*. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, São Paulo: Associação Brasileira de Profissionais da Informação (ABRAINFO), 2014.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BARBUY, Heloísa. *Documentação Museológica e a Pesquisa em Museus*. In.: *MAST Colloquia Vol. 10. Documentação em Museus*. Marcus Granato; Cláudia Penha dos Sants; Maria Lúcia N. M. Loureiro (Orgs.). Rio de Janeiro. MAST, 2008 p. 33 – 44.

BELLOTTO, H. L. *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. 4.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

BELTRÃO, J. F. *Histórias ‘em suspenso’: os Tembé ‘de Santa Maria’, estratégias de enfrentamento do etnocídio ‘cordial’*. Revista História Hoje, v. 1, n. 2, p. 195-212, 2012.

CAMARGO, Célia Reis; MOLINA, Talita dos Santos. *O Patrimônio Arquivístico: Acervos Privados e Interesse Público*. XIV Encontro Regional da AMPUH-RIO Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 2010.

CAMARGO, Olavo Pires de; LEME, Luiz Eugênio Garcez. *Livre-docência*. Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Diagn Tratamento, 2011. pp. 82-83.

CÂNDIDO, Maria Inêz. Documentação museológica . in. *Caderno de Diretrizes Museológicas*. 2Ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus., 2006. p. 31 -90. Disponível em: <[http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno\\_Diretrizes\\_I%20Completo.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno_Diretrizes_I%20Completo.pdf)>. Acessado em 20/10/2016.

CARDIA, Lais M.; DINIZ, Edson S. *A situação atual dos índios Tenetehara*. Comunicação apresentada à Sessão de Comunicação Coordenada, intitulada "Terra, Organização Social e Identidade Indígenas". 30ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Campus universitário de São Paulo, jul. de 1978.

CONARQ, Conselho Nacional de Arquivos. NOBRADE: *Norma Brasileira de Descrição Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

CUNHA, M.T.S. *Essa Coisa de Guardar... Homens de Letras e Acervos Pessoais*. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 109-130, Maio/Ago 2008. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

DINIZ, Edson Soares. *Os Tenetehara-Guajajara e a sociedade nacional: flexibilidade cultural e persistência étnica*. Belém: Universidade Federal do Pará/CNPq, 1994.

FAULHABER, Priscila. *Entrevista com Roberto Cardoso de Oliveira*. BIB, Rio de Janeiro, nº48, 2º semestre de 1999, pp.3-14.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: *FÓRUM NORDESTINO DE MUSEU*, 4., Recife. Trabalhos apresentados. Recife: IBPC/Fundação Joaquim Nabuco, 1991. Disponível em: <http://www.crnti.edu.uy/02cursos/ferrez.doc>.

\_\_\_\_\_. ; BIANCHINI, M. H. J. *Thesaurus para acervos museológicos*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória/Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, 1987.

HALBWACHS, Maurice. A Memória individual e a Memória coletiva. In: *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2012. Pp. 29-70.

Herodograma- *Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa* <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/herodograma/>).

**Histórico** – SUDAM. Disponível em: <http://www.sudam.gov.br/index.php/institucional?id=87>.

**Instituição** – UNIVEM. Disponível em: <http://www.univem.edu.br/sobre/index.php?a=40>.

LARAIA, R. de B. O legado da antropologia brasileira: relato de Roque de Barros Laraia. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 361-376, jul./dez. 2014.. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200014>.

\_\_\_\_\_. *Trajetórias convergentes: Cardoso de Oliveira e Maybury-Lewis*. Mana vol.14 no.2 Rio de Janeiro Out. 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 207-233, 419-476.

LIMA, Edilene Coffaci de. PINTO, Márnio Teixeira. *Roque de Barros Laraia - Entre a Antropologia e o Indigenismo: Reflexões sobre uma Trajetória*. CAMPOS - Revista

de Antropologia Social. Programa de Apoio à Publicação de Periódicos Científicos – UFPR. v.1, 2001.

MILLER, Daniel. *Trecos, Troços e Coisas: Estudos antropológicos sobre a Cultura Material*. Daniel Miller; Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Zahar, 2013.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público*. 1997.

MENSCH, Peter Van. *O objeto de estudo da museologia*. Rio de Janeiro: UNIRIO/UGF, 1994 (Pretextos museológicos, 1).

\_\_\_\_\_. The object as data carrier. In: *Towards a methodology of Museology*. Zagreb, 1992. Tese (Doutorado em Museologia) - Universidade de Zagreb, 1992. Disponível em: <[http://www.muuseum.ee/et/erialane\\_areng/museoloogiaalane\\_ki/ingliskeelne\\_kirjand/p\\_van\\_mensch\\_towar/mensch12](http://www.muuseum.ee/et/erialane_areng/museoloogiaalane_ki/ingliskeelne_kirjand/p_van_mensch_towar/mensch12)>.

MONTEIRO, Juliana. **Documentação em museus e objeto-documento: sobre noções e práticas**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicação e Artes (ECA) USP. São Paulo, 2014.

NORA, Pierre. *Entre memória e história – a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Khoury. Revista Projeto História, São Paulo PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PACE, Richard. *O legado de Charles Wagley: uma introdução*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 9, n. 3, p. 597-615, set.-dez. 2014.

PADILHA, Renata Cardozo. *Documentação museológica e gestão de acervo*. Florianópolis: FCC, 2014. 71 p. (Coleção Estudos Museológicos; v. 2.).

POLLAK, Michael. Memórias, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POULOT, Dominique. *Museus e museologia*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autentica Ed., 2013. (Coleção ensaio geral).

RESOURCE: The Council for Museums, Archives and Libraries. *Parâmetros para a Conservação de Acervos*. [São Paulo]: Editora da Universidade de São Paulo; [Fundação] Vitae, [2004]. 154 pp. (Museologia. Roteiros práticos, 5).

SCAFF, Luiz Miguel. *Eduardo Enéas Gustavo Galvão 1921 – 1976*. Acta Amazônica. Ano II. Nº 4. Dez. 1976. Disponível em: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú <http://www.etnolinguistica.org>).

SCHRÖDER, Peter. Guajajára (versão atualizada). In: *INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL* (Org.). Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2002, p. 1-18.

SEVERINO, Antônio Joaquim Severino. *Metodologia do Trabalho Científico* [Livro eletrônico] – 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2017.

SOARES, Bruno César Brulon. *Magia, musealidade e musealização: conhecimento local e construção de sentido no Opô Afonjá*. Revista Musear, Ouro Preto, v. 1, n. 1, p. 61-75, jun. 2012.

STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Predmet muzeologie [O objeto da museologia]. In: \_\_\_. ed. *Sborník materiálu prvého muzeologického sympozia* [Anais do primeiro simpósio museológico]. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 30-33.

VERÍSSIMO, José. *As populações indígenas e mestiças da Amazonia*. Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo L, Parte Primeira, Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C. 1887.